



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS

SEVERINA DUTRA DOS SANTOS

JUDITH TEIXEIRA: O APAGAMENTO DO DESEJO

Recife
2023

SEVERINA DUTRA DOS SANTOS

JUDITH TEIXEIRA: O APAGAMENTO DO DESEJO

Trabalho de Conclusão do Curso Graduação em Letras,
apresentado como requisito parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Jefferson de Souza Leite

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Severina Dutra dos.

JUDITH TEIXEIRA: O APAGAMENTO DO DESEJO / Severina Dutra
dos Santos. - Recife, 2023.

64 p.

Orientador(a): Jonas Jefferson de Souza Leite

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras - Bacharelado, 2023.

1. Judith Teixeira. 2. Gênero. 3. Erotismo. 4. Sexualidade. 5. Feminismo.
I. Leite, Jonas Jefferson de Souza . (Orientação). II. Título.

890 CDD (22.ed.)

SEVERINA DUTRA DOS SANTOS

JUDITH TEIXEIRA: O APAGAMENTO DO DESEJO

Trabalho de Conclusão do Curso Graduação em Letras,
apresentado como requisito parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Jefferson de Souza Leite

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. JONAS JEFFERSON DE SOUZA LEITE - UFPE
ORIENTADOR

PROF. DR. FABIO MARIO DA SILVA – UFRPE
EXAMINADOR

Recife

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu orientador, o Professor Jonas Leite, por toda a dedicação e empenho em me ajudar, e por não ter desistido mesmo com todas as dificuldades enfrentadas. Os meus mais sinceros agradecimentos.

À Professora Doutora Inara Ribeiro Gomes, não só pelos ensinamentos, mas por ter disponibilizado um dos materiais centrais da minha pesquisa e por sempre ter se colocado à disposição.

Agradeço ao Professor Doutor Fábio Mário da Silva pelos seus estudos e fascinante visão sobre o processo de criação da literatura feminina, e pela gentileza em responder meus e-mails e fornecer exemplares de livros há muito publicados.

Agradeço toda a compreensão dos meus familiares, em especial à minha mãe, Rôsale Dutra da Silva, que sempre disponibilizou afeto como abrigo para meus devaneios, e à minha irmã, Naiury Dutra dos Santos, que sempre me incentivou e apoiou, não me deixando vacilar no processo desta produção e em toda a minha graduação.

Agradeço ao meu amigo-irmão, Gabriel Fagundes Borges Cruz, pelo seu apoio incondicional e suas palavras que conseguem trazer clareza e paz nos momentos mais angustiantes, pois sem ele, possivelmente, estas palavras não estariam sendo escritas. Também agradeço aos meus amigos João, Victor, Diana, Filipe, Luan, Vanessa e Tayná por sempre trazerem leveza e momentos de reflexão sobre a vida e suas escolhas, e por todo acolhimento que sempre encontro.

A todos os meus colegas de classe que de alguma forma contribuíram para a minha formação, e à Flávia Alessandra, que me incentiva e ensina constantemente o poder da disciplina e esforço. Sinto-me agraciada e abençoada por todos que contribuem e contribuirão para a minha formação, não só acadêmica, mas também como mulher.

RESUMO

O presente estudo propõe-se a analisar a poesia de Judith Teixeira e sua importância na ruptura do papel da mulher no século XX, especialmente em Portugal. Ele explora o erotismo homossexual, o sexo e a representação das mulheres na sociedade e na literatura, enfatizando os fatores históricos e sociais que contribuíram para o apagamento e a marginalização de sua obra da cena literária modernista. O objetivo do trabalho é refletir acerca da poesia de Judith Teixeira, explorando o contexto português da década de 1920 e como a sua expressão homoerótica influenciou em seu apagamento, abordando conceitos como sexualidade, gênero, feminismo e homossexualidade, pensando o papel da literatura na emancipação das mulheres, utilizando dos estudos e teorias de Foucault (1984), Alonso e Silva (2015), Klobucka (2009) e Zolin (2009) para construir as possibilidades de uma visão crítica sobre os fatos estudados. Judith Teixeira desafiou as normas do seu tempo ao apresentar as mulheres como seres independentes, com desejos e prazeres próprios. Seu trabalho fornece uma visão sobre as possibilidades da literatura como ferramenta para o empoderamento das mulheres. Além disso, o estudo contextualiza a situação das mulheres em Portugal, enfatizando a opressão política e a influência da religião na sociedade. Concluindo, esta pesquisa ilumina as lutas das mulheres na literatura e na sociedade do século XX e destaca a escrita como meio de resistência e liberação.

Palavras Chaves: Judith Teixeira. Gênero. Erotismo. Sexualidade. Feminismo.

ABSTRACT

The present study aims to analyze Judith Teixeira's poetry and its importance in disrupting the role of women in the 20th century, especially in Portugal. He explores homosexual eroticism, sex, and the representation of women in society and literature, emphasizing the historical and social factors that contributed to the erasure and marginalization of his work from the modernist literary scene. The objective of the work is to reflect on Judith Teixeira's poetry, exploring the Portuguese context of the 1920s and how her homoerotic expression influenced her erasure, addressing concepts such as sexuality, gender, feminism and homosexuality, thinking about the role of literature in emancipation of women, using the studies and theories of Foucault (1984), Alonso and Silva (2015), Klobucka (2009) and Zolin (2009) to build the possibilities of a critical view of the facts studied. Judith Teixeira challenged the norms of her time by presenting women as independent beings, with their own desires and pleasures. Her work provides insight into the possibilities of literature as a tool for women's empowerment. Furthermore, the study contextualizes the situation of women in Portugal, emphasizing political oppression and the influence of religion in society. In conclusion, this research illuminates women's struggles in 20th century literature and society and highlights writing as a means of resistance and liberation.

Keywords: Judith Teixeira; Gender. Eroticism. Sexuality. Feminism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CAPÍTULO I: JUDITH TEIXEIRA: ARTE E PRECONCEITO	10
2.1 MODERNISMO E CONTEXTO HISTÓRICO	10
2.2 JUDITH TEIXEIRA	13
2.3 O RESGATE DE JUDITH NA ATUALIDADE	17
2.4 LITERATURA DE SODOMA.....	18
3. CAPÍTULO II: O FAZER POÉTICO JUDITIANO	26
3.1 ANTES DE MIM, EXISTIAS TU	26
3.2 OS ATRAVESSAMENTOS DO DESEJO	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	62

1. INTRODUÇÃO

Este presente trabalho tem como tema a ruptura social na poesia de Judith Teixeira, considerando o papel desempenhado pelas mulheres no século XX. Ele explora os aspectos relacionados ao homoerótismo, gênero e o papel da mulher no imaginário social português e, consequentemente, o reflexo no âmbito da literatura. Destacando fatores histórico-sociais e as nuances que contribuíram não só para o apagamento de sua obra, mas também para o apagamento de sua existência dentro do cenário modernista.

Objetivou-se neste trabalho, analisar a escrita poética de Judith Teixeira buscando refletir sobre o seu impacto enquanto poetisa considerada transgressora e evolucionada para os preceitos da época, e a desmedida da recepção do seu fazer literário e os motivos que levou a censura tão dura sofrida em seu tempo que ocasionou na sua exclusão do mundo literário português por anos. Partindo desse pressuposto, temos como objetivos específicos: Analisar a importância estética e estilista da poesia juditiana tendo como recorte o contexto português da década de 20, refletindo sobre o papel feminino e sua retratação dentro da literatura; compreendendo como o fazer erótico e homossexual dentro de sua obra teve impacto direto para seu apagamento e pensar a partir desse viés do desejo o empoderamento feminino e o processo feminista existente.

Inicialmente foi realizado um apanhado bibliográfico, tais como artigos acadêmicos, dissertações, teses, livro e críticas literárias acerca do debate poético feminino e homoerótico dentro da poesia da escritora. Após esse levantamento de dados, fazendo uma análise crítica sobre o material pesquisado, encontra-se o aporte teórico (ALONSO E SILVA, 2015; BUTLER, 2021; KLOBUCKA, 2009; ZOLIN, 2009; SOUSA 2009; FOUCAULT, 1984) para o desenvolvimento das articulações da pesquisa.

Em sequência estruturar a seleção de poemas para a análise dos aspectos já citados da poesia da escritora. Por fim, buscar literariamente abordar conceitos como sexualidade, gênero, feminismo e homossexualidade, tendo em vista uma abordagem histórica social para entender tais construções e a partir daí fomentar o debate e reflexões em torno tema.

Enviesada a partir do pensamento crítico possibilitado pela discussão em torno das teorias de gênero, sexualidade e literatura, indicando a construção deste trabalho, tendo em vista a imposição social da inferioridade da mulher em comparação ao homem, que a leva a ocupar à margem da sociedade e silenciar sua voz, restringindo o acesso à educação e controlando os conteúdos ministrados, limitando suas possibilidades enquanto

ser social cujo único papel designado desde o ventre de sua mãe era o doméstico, sendo o suporte para o marido, cuidar da casa e dos filhos.

Este discurso não é exclusivo da Europa, mas existe em todo o mundo e reflete o domínio de imagens patriarcais e masculinista, muitas vezes baseadas em dogmas religiosos como o catolicismo e outros aspectos do cristianismo. Isso também se reflete nas obras literárias. No Portugal da década de 1920, a ditadura de António de Oliveira Salazar durou quase meio século, até 1974, com a repressão, a violência e a censura exacerbando ainda mais as tensões entre homens e mulheres. A falta de educação entre os mais pobres é uma tática de manipulação típica de regimes autoritários, pois a educação pode despertar o pensamento crítico e levantar questões sobre o governo. Neste contexto, as mulheres enfrentam uma situação mais desafiadora, pois são relegadas ao trabalho doméstico, privando-as de qualquer estatuto social ou político.

Mesmo nesta situação de restrição da liberdade das mulheres, surgiram algumas escritoras, embora muitas delas ainda seguissem o modelo patriarcal, retratando o ideal feminino defendido pela sociedade da época, suprimindo seus desejos, prazeres e autonomia de pensamentos. Judith Teixeira (1880-1959) foi uma das escritoras que desafiou esse padrão. Seu primeiro livro, *Decadência* (1923), causou desconforto e enfrentou severo escrutínio por ser chamado de "literatura sodomita". O livro aborda temas homossexuais e, ao contrário de seus colegas, Judith Teixeira, por sua posição social, foi vista como ousada ao retratar o amor e as relações amorosas entre mulheres.

Segundo Cixous (2007), a escrita feminina é um meio de empoderar os corpos das mulheres. Porém, ao olharmos para a representação da mulher na literatura, percebemos que grande parte do espaço é ocupado por personagens e ideais criados pelo olhar masculino sobre a mulher. Existem muito poucas escritoras. Apesar da resistência, muitas mulheres conseguiram sair deste confinamento, expressar a sua verdadeira natureza e assumir o controlo dos seus corpos.

Judith Teixeira procura uma poesia que não seja apenas feminina, mas também feminista, retratando as mulheres como seres autónomos com desejos que desafiam as normas religiosas que permeiam a sociedade. Porém, devido à censura e repressão de sua época, sua obra ficou esquecida por muitos anos após sua morte. Este trabalho tem, portanto, como objetivo analisar a poesia de Judith Teixeira, explorando sua influência, recepção e os motivos que levaram à censura que ela enfrentou na época. Este estudo também tenta responder a questões importantes. Qual o papel de Judith Teixeira na formação da imagem da mulher na poesia? Como o tratamento da homossexualidade e

do erotismo influencia sua poesia? Quais são as suas implicações políticas e sociais? Como é que a censura afeta a expressão literária, particularmente a polaridade entre mulheres e homens? Por fim, como a literatura pode ser uma ferramenta para o empoderamento feminino?

A escrita de Judith Teixeira questionou as normas de sua época e quebrou o molde patriarcal que limitava a expressão das mulheres. Ele descreveu as experiências e desejos das mulheres e apresentou as mulheres como seres independentes, possuidoras de seus próprios desejos e prazeres. A sua coragem em abordar temas como o erotismo gay, apesar da censura que enfrentou, é uma poderosa demonstração de resistência e uma afirmação da liberdade das mulheres. O estudo da poesia de Judith Teixeira lança luz não apenas sobre sua contribuição literária, mas também registra uma parte importante da história da posição da mulher na literatura e na sociedade. Ao analisar o seu trabalho, podemos compreender melhor como as mulheres enfrentaram desafios e resistiram às restrições impostas pelo patriarcado, pela religião e pela opressão política.

Além disso, uma análise de Judith Teixeira e da sua poesia oferece informações valiosas sobre as possibilidades da literatura. O primeiro capítulo deste estudo aborda o enquadramento histórico, o desenvolvimento pessoal da autora e acontecimentos importantes que moldaram a sua identidade como poetisa e mulher no contexto do modernismo português. O segundo capítulo é dedicado à análise de alguns dos seus poemas, revelando os temas que perpassam as suas composições e destacando o processo de redescoberta do desejo e mostrando como a literatura foi e continua a ser central para o empoderamento das mulheres.

Teixeira mostra que escrever pode ser uma forma de recuperar a identidade, apresentar normas opressivas e dar voz às experiências das mulheres. O objetivo deste estudo inclui, portanto, não só a obra de Judith Teixeira, mas também o contexto histórico e social que moldou a sua vida e obra literária. Através desta perspectiva abrangente, procurou-se obter uma compreensão mais profunda das lutas e conquistas das mulheres na literatura e na sociedade do século XX, enfatizando o papel crucial da escrita como uma ferramenta eficaz na emancipação das mulheres.

2. CAPÍTULO I: JUDITH TEIXEIRA: ARTE E PRECONCEITO

2.1 MODERNISMO E CONTEXTO HISTÓRICO

No século XX, Portugal passou por uma série de eventos e transformações que tiveram um impacto significativo no país e em seu desenvolvimento histórico. O período foi marcado por mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais que moldaram a nação portuguesa ao longo do século. No início do século, Portugal ainda era uma monarquia, governada pelo rei Dom Carlos I. No entanto, em 1910, uma revolução republicana derrubou a monarquia e estabeleceu a Primeira República Portuguesa. Essa mudança política trouxe consigo um período de agitação política e instabilidade governamental, com vários partidos políticos lutando pelo poder.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Portugal se envolveu no conflito ao lado dos Aliados. A participação portuguesa na guerra teve um impacto significativo no país, tanto em termos econômicos quanto políticos. A guerra gerou uma crise econômica e social em Portugal, agravada pela instabilidade política interna. Esses fatores contribuíram para a queda da Primeira República Portuguesa em 1926. Após o golpe militar de 1926, Portugal entrou em um período de ditadura militar que durou até 1933, quando o regime salazarista, liderado por António de Oliveira Salazar (1889 – 1970), estabeleceu uma ditadura corporativa conhecida como Estado Novo. Durante esse período, o país passou por uma política autoritária, com supressão de direitos políticos e liberdades individuais.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Portugal permaneceu oficialmente neutro, mas forneceu apoio econômico e recursos estratégicos para os Aliados (Estados Unidos, Reino Unido, União Soviética, França e China), principalmente ao Reunido Unido, que dispõe de bases navais e aéreas na Ilha de Açores que teve papel estratégico na guerra do Atlântico. Após a guerra, o regime salazarista buscou manter um império colonial, principalmente na África. Isso levou a uma guerra prolongada e desgastante nas colônias portuguesas, especialmente na Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, conhecida como Guerra Colonial ou Guerra de Libertação.

A ditadura salazarista durou até 1974, quando ocorreu a Revolução dos Cravos. Esse movimento militar derrubou o regime autoritário e iniciou um processo de democratização em Portugal. A revolução marcou o fim do Estado Novo e abriu caminho para a transição para um regime democrático. Após a Revolução dos Cravos, Portugal

passou por uma série de reformas políticas, econômicas e sociais. O país adotou uma nova Constituição em 1976, estabelecendo uma democracia parlamentar. Também ocorreram transformações significativas na economia, com a adoção de políticas de liberalização e integração europeia.

É dentro desse contexto que Modernismo acontece em Portugal, marcado por período de intensa experimentação artística e literária que ocorreu principalmente nas primeiras décadas do século XX. O Modernismo português foi influenciado por movimentos internacionais, como o Simbolismo, o Futurismo e o Expressionismo, mas também incorporou elementos únicos da cultura e da identidade portuguesa. O movimento modernista em Portugal foi dividido em três fases distintas que contribuíram para a renovação artística e literária do país. Cada fase trouxe abordagens diferentes, refletindo as transformações e as aspirações dos artistas e escritores portugueses.

A primeira fase, conhecida como Orfismo, ocorreu entre 1915 e 1927 e teve como marco a publicação da revista *Orpheu*. A revista contou com a participação de importantes figuras literárias, como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. O Orfismo foi influenciado pelo futurismo e pela vanguarda portuguesa, que buscavam romper com as tradições estéticas e explorar novas formas de expressão. Os escritores dessa fase tinham um olhar voltado para a condição humana, o futuro e o lugar do homem no mundo. Eles questionavam as convenções estabelecidas e exploravam temas como a angústia existencial, a fragmentação da identidade e a ruptura com a tradição literária.

A segunda fase, conhecida como presencismo, teve início em 1927 e se estendeu até 1940. Essa fase foi inaugurada com o lançamento da revista *Presença*, cujo principal fundador foi José Régio. O presencismo adotou uma abordagem mais introspectiva e pessoal em comparação com o Orfismo. Os escritores dessa fase exploravam a psique humana, mergulhando nas inquietações, angústias e sentimentos mais profundos do indivíduo. A poesia do presencismo era caracterizada por uma expressão mais subjetiva e uma linguagem mais acessível, aproximando-se do leitor comum. Essa fase do movimento modernista foi criticada pelos integrantes do Orfismo, que a consideravam mais individualista e menos preocupada com as questões sociais e políticas.

A terceira e última fase do movimento modernista em Portugal é conhecida como Neorrealismo. Ela teve início por volta de 1940 e se estendeu até a década de 1960. O Neorrealismo foi uma reação ao regime ditatorial de Salazar e buscava uma literatura engajada politicamente, comprometida com a denúncia das injustiças sociais e políticas.

do país. Os escritores neorrealistas retratavam a realidade cotidiana, descrevendo as condições de vida dos trabalhadores, as desigualdades sociais e as dificuldades enfrentadas pela população. Eles utilizavam uma linguagem simples e direta, buscando criar empatia com o leitor e despertar uma consciência crítica em relação à realidade portuguesa.

Cada fase do movimento modernista em Portugal trouxe contribuições significativas para a literatura e as artes do país. O Orfismo trouxe a vanguarda e a experimentação formal, explorando temas existenciais e o papel do indivíduo no mundo. O presencismo trouxe uma abordagem mais introspectiva e subjetiva, focada nas emoções e na experiência pessoal. Já o neorrealismo trouxe a preocupação social e política, utilizando a literatura como instrumento de denúncia e conscientização. Essas diferentes fases refletiram as transformações sociais, políticas e culturais de Portugal ao longo do século XX, deixando um legado significativo na história da literatura portuguesa.

Apesar das mudanças e das buscas por renovações no movimento modernista em Portugal, o papel das mulheres na escrita ainda era centralizado e definido de acordo com a idealização masculina. As mulheres eram frequentemente relegadas aos espaços domésticos, com acesso limitado à educação e às oportunidades de expressão. Mesmo aquelas que conseguiam acesso à educação muitas vezes enfrentavam restrições em relação aos temas que poderiam abordar, precisando da permissão de maridos, pais, irmãos mais velhos ou qualquer homem com poder sobre elas.

As transformações ocorridas no mundo e o surgimento do movimento modernista, que propunha uma ruptura com as convenções estabelecidas, acabaram por impor limitações às mulheres. Infelizmente, esse contexto resultou na marginalização e no apagamento de importantes figuras femininas do movimento, como é o caso de Judith Teixeira. Embora ela tenha sido uma das principais figuras do modernismo português, sua obra e contribuição literária foram pouco estudadas e valorizadas na época.

O papel de Judith Teixeira no modernismo português foi fundamental para a promoção da literatura feminina e para a representação das vozes e perspectivas das mulheres naquele período. Ela foi uma das figuras femininas a se destacar no cenário modernista Português, muito pelos escândalos que rodeava a sua escrita, enfrentando desafios e tabus associados ao gênero em um ambiente literário predominantemente masculino.

Suas obras, que incluem poesia e prosa, abordavam temas diversos, como o amor, a natureza, a espiritualidade e a condição feminina. Judith Teixeira utilizava uma

linguagem lírica e uma abordagem intimista, refletindo sobre as emoções e as experiências pessoais. Seus escritos revelavam sensibilidade e uma consciência aguda das questões sociais e culturais. Sua contribuição para o modernismo português foi significativa não apenas pela qualidade de suas obras literárias, mas também pelo papel pioneiro que desempenhou ao abrir caminho para outras mulheres escritoras e ao questionar os estereótipos de gênero presentes na sociedade e na literatura.

Essa situação evidencia as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no contexto do modernismo em Portugal. Embora tenham ocorrido avanços na luta pelos direitos das mulheres ao longo do século XX, o movimento modernista ainda refletia as desigualdades de gênero presentes na sociedade, limitando as vozes femininas e reforçando a perspectiva masculina dominante. É importante reconhecer e resgatar a contribuição das mulheres nesse período, dando espaço e valorizando suas realizações literárias, a fim de compreendermos de forma mais completa e justa o contexto histórico do movimento modernista em Portugal.

2.2 JUDITH TEIXEIRA

Judite dos Reis Ramos, mais conhecida como Judith Teixeira, nasceu em Viseu, Portugal, no dia 25 de janeiro de 1880 e falecendo em Lisboa em 17 de maio de 1959 aos 79 anos. Ela desempenhou um papel significativo na primeira fase do modernismo português, sendo considerada a precursora da autoria feminina nesse movimento, embora tenha recebido esse reconhecimento tardivamente.

A vida pessoal de Judith Teixeira foi marcada por algumas controvérsias. Ela foi casada duas vezes, sendo que o primeiro casamento, com Jaime Levy Azancot, um empregado comercial, durou pouco tempo devido a acusações de adultério e abandono do lar por parte do marido. Na época, tais acusações eram escandalosas para uma mulher. Seu segundo casamento foi com Álvaro Virgílio de Franco Teixeira, um advogado de 26 anos, na época Judith teria 34 anos. Essa diferença de idade gerou mais polêmicas e controvérsias, adicionando mais um elemento à vida pessoal da escritora.

Os primeiros registros de sua carreira literária datam de quando ela já tinha cerca de 40 anos. Suas obras foram publicadas em alguns jornais sob o pseudônimo de Lena de Valois. No entanto, sua carreira literária foi curta devido às duras críticas que recebeu, principalmente devido às peculiaridades de sua poesia, especialmente seu teor sensual

que fugia do comportamento imposto pela sociedade portuguesa, marcando o desejo feminino e o seu prazer.

Em 1923, Judith Teixeira publicou seu primeiro livro, intitulado *Decadência*, que fazia parte do que ficou conhecido como *Literatura de Sodoma*, obras consideradas uma afronta à moral e aos bons costumes da época. No mesmo ano, ela publicou *Castelo de Sombras* e reimprimiu *Decadência*, uma vez que a primeira edição havia sido destruída pelo Governo Civil de Lisboa. Em seguida, publicou *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926), *De Mim. Conferência* (1926) e *Satânia. Novelas* (1927). Além de sua produção literária, ela também fundou e dirigiu a revista *Europa* a partir de 1925, que teve apenas três edições, uma vida curta, comum para muitas revistas da época.

Judith Teixeira teve seus trabalhos publicados na revista *Contemporânea*, uma das mais importantes para o modernismo português, iniciando sua contribuição em 1922. Segundo Cláudia Pazos Alonso e Fábio Mario da Silva no livro *Judith Teixeira: Poesia e Prosa* publicado em 2015, a escritora tinha boas relações no meio literário e estava próxima de grandes nomes do Modernismo, tanto portugueses quanto espanhóis. Ela conhecia alguns poetas ligados à revista *Orpheu*, que marcou o início do Modernismo em Portugal. Vale ressaltar que essa revista retratava bem a dominação masculina da época, pois a única mulher a fazer parte da equipe da revista, Violante de Cysneiros, era na verdade um pseudônimo do poeta Armando Côrtes-Rodrigues.

Esse cenário traz à luz o papel que a mulher ocupa dentro do campo social, político, cultural e, consequentemente, no literário. A dominação masculina em todos os âmbitos sempre subjugou o intelecto feminino e seu poder de construção de uma crítica, objetificando sua figura e colocando-a dentro de um contexto de menor ou nenhum valor. Teixeira, em sua escrita, torna possível uma ocupação do espaço literário seguindo suas próprias regras, considerando o ser feminino como um ponto independente, que possui vontades e desejos, que articula e sonha, e que consegue se equiparar a essa forma masculina que tem um endeusamento inalcançável para qualquer figura que saia do escopo heterossexual, branco e burguês.

Judith Teixeira, uma mulher com recursos financeiros que lhe permitiam circular no meio intelectual de Lisboa, desempenhou um papel fundamental no movimento literário do modernismo português. No entanto, sua relevância e contribuição foram apagadas por décadas devido ao tratamento inferior que a sociedade impunha às mulheres desde antes de seu nascimento.

Em um contexto dominado por homens, a poesia de Judith Teixeira causou estranhamento por sua abordagem direta e íntima em relação à condição feminina e aos seus desejos. Ela ousou explorar as experiências das mulheres e temas sociais, demonstrando uma postura transgressora em um cenário conservador. Especialmente notável foi o teor lesboerótico de sua poesia, que resgatou não só o corpo feminino para si, mas também o empoderou com individualidade dentro de uma sociedade que via a mulher como objeto e não como cidadã:

Tradicionalmente, as mulheres foram consideradas como inferiores aos indivíduos do sexo masculino, não só na esfera cultural, mas também na social, histórica e política. Um estado de coisas gerado pela política do patriarcalismo, cuja ênfase estava em questionar a capacidade intelectual da mulher, neutraliza-lhe a cidadania e seu direito de se constituir como sujeito. (Rossini, 2011, p. 02)

Mesmo com todas as críticas levantadas e o seu papel de mulher dentro da sociedade portuguesa, é inegável que o poder aquisitivo de Teixeira viabilizou a publicação de várias obras em um curto espaço de tempo, conseguindo assim deixar seu legado na literatura portuguesa e se destacando como uma das vozes femininas mais importantes do Modernismo em Portugal. Como relata Alonso no trecho abaixo:

Podemos inferir que Teixeira Possuía seguramente as condições mínimas a que Virginia Woolf, sua contemporânea no tempo, se referiu: <<um quarto próprio e quinhentas libras por ano>>, ou seja, o suficiente para financiar a publicação da sua obra em edições requintadas num curtíssimo espaço de tempo que vai de 1923 a 1927. (Alonso e Silva, 2015, p. 23)

A condição econômica de Judith Teixeira lhe proporcionava uma rede de contatos significativa no cenário literário. No entanto, o público-alvo do movimento modernista em Portugal era, em sua maioria, a elite portuguesa, composta principalmente por homens que estavam sujeitos à doutrinação religiosa e ao forte jugo do autoritarismo e da soberania masculina. Esse grupo dominava e ditava as regras sociais da época, limitando assim a abrangência e o impacto das produções literárias de Teixeira e de outras escritoras.

Judith Teixeira foi fortemente criticada e sofreu o peso duplo do cânone literário. Em primeiro lugar, por ser uma mulher que ousou escrever sobre a sensualidade e o desejo do corpo feminino, e em segundo lugar, pelo teor lésbico de suas poesias nem sempre disfarçado. Dentro de uma sociedade conservadora e patriarcal, que considerava a homossexualidade como uma doença, a poetisa se tornou um alvo que a afastaria da cena

literária, mas que, ao mesmo tempo, mantinha o cerne de sua essência viva em seus escritos:

Teixeira tornou-se, efetivamente, um bonde expiatório para a desordem social coletivamente imaginada, tida como monstruosamente invisível. Entretendo, *Livro de "Soror Saudade"*, a segunda coletânea de Florbela Espanca publicado também no início de 1923, escapou à censura apesar de também desafiar preconceitos vigentes acerca da sexualidade feminina, talvez porque parecesse menos ameaçadora para as normas sociais instituídas do que a representação do desejo de caráter homossexual verbalizado por Judith Teixeira. (Alonso, 2015, p.22)

A poesia de Judith revela um eu lírico que possui características tanto lésbicas quanto sensuais. Nessa forma de expressão artística, a beleza é construída por meio de elementos exóticos e explícitos, destacando não apenas o corpo feminino, mas também o desejo que nele reside, muitas vezes experimentado em relação a outro corpo feminino. A peculiaridade presente em sua poesia desempenha um papel significativo ao chocar os conservadores da época (SILVA, 2019). No poema a seguir, intitulado "A outra", é possível identificar a presença de uma conotação ambígua do desejo feminino. Ao analisar o poema de forma mais intuitiva, percebe-se a sensação de aprisionamento que o eu lírico experimenta. Para alcançar a liberdade, ele precisa enfrentar a dor, e é nesse processo que surge a construção de um lado sensual e transgressor. A sexualidade feminina só começou a ser considerada de forma mais séria e além da reprodução com o advento do anticoncepcional. Afinal, qual seria o propósito do sexo se não estivesse relacionado principalmente à reprodução? É nessa antecipação desse questionamento que o poema se encaixa, explorando a inquietação em relação ao papel que foi designado à mulher.

No ano de publicação de *Nua. Poemas de Bizâncio*, ocorreu um episódio em que o cartunista Amarelhe, um artista reconhecido no cenário teatral de Lisboa, publicou uma ilustração grotesca de Judith Teixeira no jornal *O sempre fixe*, com o objetivo de atacá-la. Essa ilustração tinha como intuito não apenas ridicularizar o corpo da poetisa, mas também sua sexualidade, sua posição enquanto mulher e o conteúdo de seu livro. Esse incidente evidencia a magnitude do preconceito enfrentado pela poetisa, em que sua estética e forma de expressão não foram devidamente criticadas, mas sim seu conteúdo, que confrontava as normas impostas pela doutrina religiosa.

Esse contexto contribuiu para colocar Judith Teixeira em uma posição marginalizada. Ela se viu sem defesa dentro de um sistema que não a favorecia nem a protegia. Como resultado, a poetisa foi relegada ao esquecimento, sendo resgatada apenas

nos últimos anos do século XX. Em 1996, suas obras foram reimpressas pela editora da&etc, trazendo de volta a sua importância (ALONSO E SILVA, 2015).

2.3 O RESGATE DE JUDITH NA ATUALIDADE

Como mencionado anteriormente, em 1996, Judith emergiu novamente no cenário literário com a reimpressão de seus textos. Em 2002, René Pedro Garay publicou o trabalho *Judith Teixeira: o modernismo Sáfico Português* pela editora universitária de Lisboa, resgatando-a do quase um século de esquecimento. Desde então, seu nome tem despertado interesse, resultando no surgimento de mais trabalhos acadêmicos, como o livro de Martim de Gouveia e Sousa em 2009, que traz textos da autora.

A importância de Judith Teixeira foi afirmada e seu lugar garantido entre os maiores nomes do modernismo português com a publicação do *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* em 2008 por Fernando Cabral Martins (ALONSO, 2015).

Em 28 e 29 de outubro de 2015, ocorreu o colóquio internacional em homenagem a Judith Teixeira intitulado *As mulheres e o modernismo*, que reuniu vários estudiosos do campo literário para discutir sua obra e vida, sob organização geral de Fabio Mario da Silva, e realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e no Palácio da Independência. Posteriormente, o livro *Judith Teixeira - Ensaios críticos no centenário do modernismo*, organizado por Fabio Mario da Silva, Annabela Rita, Maria Lúcia Dal Farra, Ana Luísa Vilela e Ana Maria Oliveira, foi publicado em 2017 como resultado desse evento. O livro traz diversos artigos e contribuições de renomados estudiosos contemporâneos sobre o papel da mulher na literatura e o impacto da poesia de Judith Teixeira, bem como suas implicações políticas.

Além disso, a obra *Judith Teixeira: Prosa e Poesia*, já mencionada, desempenhou um papel imensurável ao trazer poemas inéditos e uma conferência intitulada *Saudade*. Após os esforços desses estudiosos para dar voz a Judith Teixeira e destacar sua importância literária, inúmeros trabalhos têm sido produzidos desde então sobre sua vida e obra. Recentemente, o jornal português *O Observador* revelou que vai ser publicada uma edição brasileira da obra completa de Judith organizada por Fabio Mario da Silva, que há anos vem publicando artigos e espaços sobre a autora e esse ano é um dos organizadores de duas revistas em torno da autora: Via Atlântica da USP, num dossiê sobre a Literatura de Sodoma e Entheoria da UFRPE num dossiê sobre os 100 anos da primeira publicação da autora.

Neste trabalho, abordaremos uma autora que, além de mulher e poetisa, enfrentou não apenas a violência desgastante que as mulheres de todas as esferas têm sofrido há séculos, mas também teve sua obra poética apagada e discriminada por abordar o amor entre mulheres de forma ardente e sem pudor, explorando sua sensualidade e desejos de maneira autônoma, excluindo a centralidade do homem dessas relações.

Judith Teixeira foi injustiçada em seu tempo e apagada da literatura portuguesa por seguir um caminho oposto aos dogmas heterocêntricos e falocêntricos. A poesia juditiana representa um grito feminino com toda sua intensidade e autenticidade, enfrentando a maior dor de um escritor: o boicote e o apagamento de sua obra.

Este trabalho tem como objetivo analisar a literatura feminina, erótica e, muitas vezes, homossexual de Judith Teixeira, buscando compreender as nuances de sua produção literária por meio da análise de alguns de seus poemas. Pretende-se destacar a riqueza estética e estilística de sua obra, assim como a importância de sua literatura e as problemáticas que ela levanta dentro de um contexto ditatorial, sexista e patriarcal.

Dessa forma, pretende-se trazer à luz uma das escritoras mais relevantes do contexto modernista em Portugal, ampliando o debate em torno de sua obra no âmbito acadêmico e, consequentemente, contribuindo para a discussão do feminismo na literatura.

2.4 LITERATURA DE SODOMA

Pedro Teotónio Pereira (1902-1972), diretor da Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa, foi um dos principais organizadores do movimento repressivo conhecido como Literatura de Sodoma, cujo objetivo era reprimir e fiscalizar escritores, editoras e livrarias em relação a qualquer obra considerada imoral. Isso incluía todas as obras que desafiassem os preceitos e doutrinas católicas, bem como os padrões heteronormativos e patriarcais.

Essa articulação resultou na apreensão dos livros *Decadência*, de Judith Teixeira, *Canções*, de António Botto, e *Sodoma Divinizada*, de Raul Legal, por ordem do Major Viriato Lobo (1883-1932), e os livros foram queimados no Governo Civil de Lisboa.

Após esse episódio, Fernando Pessoa (1888-1935) se envolveu na questão, publicando um folhetim intitulado "Aviso por Causa da Moral" em 1923, sob o heterônimo de Álvaro de Campos, marcando sua estreia no cenário literário. O folhetim fazia uma crítica aos jovens, apontando suas contradições ao defenderem uma moralidade

para a qual, segundo Campos, eles não teriam idade suficiente, pois lhes faltava experiência de vida. Isso é ressaltado quando ele diz: "Ser novo é deixar os outros ir em paz para o Diabo com as opiniões que têm, boas ou más - boas ou más, que a gente nunca sabe com quais é que vai para o Diabo" (CAMPOS, 1923). Essa publicação foi uma resposta ao Manifesto dos Estudantes das Escolas Superiores de Lisboa, divulgado por toda a cidade pelo jornal *A Época*.

Ó meninos: estudem, divirtam-se e calem-se. Estudem ciências, se estudam ciências; estudem artes, se estudam artes; estudem letras, se estudam letras. Divirtam-se com mulheres, se gostam de mulheres; divirtam-se de outra maneira, se preferem outra. Tudo está certo, porque não passa do corpo de quem se diverte. Mas quanto ao resto, calem-se. Calem-se o mais silenciosamente possível. Porque há só duas maneiras de se ter razão. Uma é calar-se, que é a que convém aos novos. A outra é contradizer-se, mas só alguém de mais idade a pode cometer. (Campos, 1923)

Pessoa já havia saído em defesa de Botto quando publicou o artigo "António Botto e o ideal estético em Portugal" na revista contemporânea, em resposta à recepção negativa da primeira edição da obra "Canções" em 1921. Ele ressaltou o valor e a riqueza estética do amigo, pedindo que a análise da obra fosse feita sem julgamentos morais. Após algumas trocas de críticas sobre a postura dos jovens estudantes de Lisboa, Pessoa escreveu, por fim, o artigo "Sobre um Manifesto de Estudantes", no qual não apenas criticou novamente a postura extremista dos jovens, mas também reafirmou sua defesa aos amigos António Botto e Raul Leal.

No entanto, Judith ficou à mercê de sua própria sorte, pois, apesar da relação existente entre ela, Botto e Pessoa, nenhum deles fez algo para defendê-la. Essa relação é pouco documentada, exceto por cartas que Pessoa escreveu. Uma delas foi endereçada ao espanhol Adriano Del Valle, informando sobre o encontro de Botto e Lasso de la Vega na casa de Judith, embora Pessoa não estivesse presente, mas tenha ficado sabendo do encontro através do amigo. Na outra carta, Pessoa acaba se distanciando da figura de Teixeira.

A biblioteca de Pessoa contém um exemplar do primeiro número de Europa que provavelmente lhe terá sido enviado pela própria Teixeira. No entanto, nessa altura ele já teria perdido definitivamente o pouco interesse alguma vez manifestado por ela: a sua última referência é uma tentativa de distanciamento da polémica poetisa, em carta datada de 23 de abril de 1924: juntando na mesma frase Botto e Teixeira, declara que Botto não está à altura de génios como Shakespeare ou Milton, e, mais desdenhosamente ainda, que Judith Teixeira «não tem lugar, abstrata e absolutamente falando» (Delgado, 1999, p. 442). De facto, ela não teve qualquer lugar no elenco de Athena, a revista que ele dirigiu em 1924-25. (Alonso, 2015, p. 25)

Esse episódio lamentável da literatura não apenas reflete o pensamento preconceituoso e limitante, mas também descreve de maneira precisa a atmosfera opressora que envolve o fascismo e o autoritarismo. Além disso, ele demonstra o desprezo e a inferiorização da figura feminina. Fernando Pessoa, um dos maiores nomes do modernismo, não escapa e compartilha os ideais do imaginário masculinista da época e acaba escolhendo ignorar a única figura feminina que enfrentava as represálias entre os três poetas. Essa figura feminina foi a que sofreu o julgo mais pesado desse movimento:

Judith desempenha, no curso da sua vida literária, a própria encenação de um suicídio em vida, visto que os títulos anunciados de suas obras futuras permanecem ainda hoje em silencioso desaparecimento. Aliás, há quase vinte anos é que se iniciou a proeza de recuperação dessa mulher, esquecida por mais de meio século dos meios culturais, pelos vistos castigada pela ousadia, transgressão e impertinência devidas (hoje é possível admitir) à responsabilidade de ter inaugurado, no seio da literatura portuguesa, uma poética feminina de cariz homossexual. Daí que se compreendam os maus tratos padecidos em vida por ela e o ter sido (precoce e gradativamente) expurgada dos ambientes intelectuais lusitanos, e amalgamada ao dito escândalo da “Literatura de Sodoma”. (Dal Farra, 2016, p. 26)

Na primeira edição da revista *presença*, 1927, José Régio retrata a obra de Teixeira como “todos os livros de Judith Teixeira não valem uma canção escolhida de António Botto”, com isso fazendo com que a poetisa acabe por se perder de fato no esquecimento.

A escrita de Teixeira mantém uma qualidade estética e riqueza notáveis. No entanto, mesmo com sua influência no meio literário, ela não conseguiu superar a misoginia e as retaliações que enfrentou devido a uma série de razões. Primeiramente, a vida de Judith Teixeira não se encaixava nos moldes estabelecidos pela sociedade da época. Ela desafiava as normas e expectativas impostas às mulheres, buscando expressar sua própria identidade e liberdade através de sua poesia. Essa atitude ousada e não conformista gerava desconforto e resistência por parte de uma sociedade patriarcal que buscava controlar e restringir o papel das mulheres.

Além disso, a poesia de Teixeira abordava temas considerados tabus e transgressores para a época, especialmente no que diz respeito à sexualidade feminina. Ao explorar o desejo e a sensualidade que emanam da figura feminina, ela confrontava diretamente as construções sociais, religiosas e científicas que sustentavam o preconceito contra a sexualidade feminina e suas representações mais explícitas. Isso gerava rejeição e hostilidade por parte da crítica literária e de setores conservadores da sociedade que tinha como doença relações entre pessoas do mesmo sexo.

Esse tema, ainda considerado condenável por muitos até os dias de hoje, nos remete à história da homossexualidade. Quando olhamos para a antiguidade, podemos observar que, ao contrário dos preceitos cristãos predominantes, na cultura greco-romana, a prática homossexual era comum e, de certa forma, aceita. A atração e o desejo entre indivíduos do mesmo sexo eram justificados pela ideia de beleza (FOUCAULT, 1984). No entanto, é importante ressaltar que essa liberdade era excessivamente livre, como aponta Paul Veyne (1998). Dentro do pensamento platônico, a homossexualidade não era vista como algo abominável, mas sim como uma expressão desinibida dos próprios instintos em busca do prazer.

A misoginia presente na sociedade da época também contribuiu para que Teixeira fosse alvo de retaliações. O patriarcado e as estruturas de poder dominantes viam com desconfiança e desdém as mulheres que buscavam ocupar espaços no campo literário e artístico. A subvalorização das vozes femininas e a exclusão das mulheres da esfera pública eram práticas comuns, o que dificultava o reconhecimento e a valorização do trabalho de Teixeira.

Por fim, é importante ressaltar que o contexto histórico em que Teixeira viveu também desempenhou um papel significativo. O período em que ela produziu sua poesia foi marcado pelo fascismo e pelo autoritarismo em Portugal, o que criava uma atmosfera opressora e repressiva para artistas e escritores. A censura e o controle exercidos pelo regime dificultaram ainda mais a visibilidade e a aceitação das obras que desafiavam as normas estabelecidas.

No decorrer do século XX, a expressão literária das mulheres encontrava-se inextricavelmente entrelaçada com uma moldura de subjetivismo. Nesse período, eram frequentemente relegadas a esferas estritamente domésticas, limitadas às tarefas de gerir o lar, cuidar da família e preservar os valores religiosos arraigados. Essa limitação imposta pelas normas sociais da época, por sua vez, propiciava o florescimento de um refúgio interior, um universo íntimo e pessoal ao qual as mulheres se recolhiam.

Dentro desse universo recluso, essas escritoras do século XX se viam compelidas a explorar e mergulhar nos seus próprios sentimentos e experiências. Com suas vozes muitas vezes silenciadas pelo cenário patriarcal, a escrita feminina do período adquiria um caráter profundamente introspectivo e emocional. A falta de espaço para expressão pública abria uma brecha para uma forma de autoexpressão mais íntima, na qual a introspecção se tornava uma ferramenta vital para desvendar a complexidade de seus mundos internos.

O ato de escrever, portanto, transcendeu o mero ato de colocar palavras no papel; tornou-se uma busca por identidade, uma exploração dos recônditos da psique feminina em um contexto marcado por restrições e desigualdades de gênero. Ao atravessar o limiar do lar, do cuidado e do dever, essas mulheres se aventuravam no território emocional, muitas vezes inexplorado, reconstruindo e redefinindo o sentido do eu por meio das palavras. Assim, a escrita feminina do século XX, embora circunscrita por limitações e preconceitos, revelou-se um terreno fértil para a autodescoberta e a expressão emocional, criando uma tapeçaria literária rica em subjetividade e profundidade. Como afirma Rita Tereza Schmidt:

[...] sua (da mulher) introdução no trabalho com a literatura, ensejou o estudo das representações da diferença sob dois ângulos: 1. a afirmação da positividade da identidade "mulher" a partir de sua reconstrução pelo eixo identidade/subjetividade, o que significou dar visibilidade a um imaginário até então encoberto e silenciado; nesse imaginário, o amor, a sexualidade, o corpo, o desejo, o trabalho, a maternidade, a amizade, a memória, a história e a nacionalidade adquirem novos sentidos, [...] levantando a questão da relação entre linguagem, poder e resistência; 2. o confronto com a negatividade de uma subjetividade posicionada no sujeito masculino. (Schmidt, 1999. p.32)

Dentro deste contexto amplo, emerge uma compreensão profunda da relação entre a produção literária feminina e a exploração do íntimo, uma resposta eloquente ao exílio imposto dos espaços públicos. Nesse sentido, não é de surpreender que a incursão no território literário tenha frequentemente resultado em críticas que a enxergavam como uma empreitada frívola, cujo propósito principal era preencher o tempo ocioso das mulheres em meio às suas atividades cotidianas.

Entretanto, apesar desse desdém manifesto em relação à autoria e à autoridade feminina no âmbito cultural literário, que não só marginalizou, mas também apagou a contribuição de Judith Teixeira desse meio - uma dinâmica que persiste até os dias de hoje, de certa forma - não se pode negar que muitas escritoras foram exaltadas, principalmente por sua contribuição poética. Isso se deveu, em grande parte, ao conteúdo das obras que elaboraram, as quais frequentemente refletiam os valores da época. A poesia produzida por essas mulheres não tratava o amor como mero ato carnal ou paixão ardente. Pelo contrário, ela associava o amor a algo sagrado, puro e casto, em consonância com os ideais burgueses de decoro e os preceitos católicos então predominantes.

A figura feminina que emergia nessas obras estava mergulhada em sentimentos que pareciam encontrar sua plenitude somente no amor e na dedicação ao amado. Isso, por sua vez, reforçava a noção subjacente de que a mulher tinha um papel essencial de

servidão ao homem. Essa servidão poderia assumir a forma de tarefas diárias ou, até mesmo, de ser a musa inspiradora por trás da criação de uma imagem idealizada da mulher. Nesse processo, a superioridade masculina era reafirmada, relegando a feminilidade a um espaço limitado, definido primordialmente por sentimentos e beleza.

Um exemplo de sucesso literário feminino português era a poetisa Virgínia Vitorino (1895-1967), que em seu livro *Namorados* (1921), *Apaixonadamente* (1923) e *Renúncia* (1926) foram motivo de exaltação pelo público e pela crítica, pois para além da qualidade poética e da moda estética predominantemente sonetista da época, a performance ideológica era condizente com as exigências da cultura dominante, a qual era de suma não só perpetuada em seus livros, mas divinizada:

Virgínia Vitorino é, de fato, um típico temperamento poético investido das prerrogativas que lhe dá o exprimir a senilidade comum da burguesinha enamorada. Toda a mulher portuguesa de mentalidade fiel às tradições da pequena burguesia encontrou nos sonetos, aliás, por vezes, perfeitíssimos, da poetisa de apaixonadamente, o quadro fiel das suas comedidas paixões. (Simões, 1976, p.208)

Portanto, o cenário da produção literária feminina do passado revela uma complexa interseção de limitações, expectativas sociais e luta por expressão. As mulheres escritoras enfrentaram não apenas as barreiras da sua época, mas também os estereótipos que persistem até hoje. Ainda assim, através da literatura, elas foram capazes de tecer uma tapeçaria de vozes, sentimentos e perspectivas que, apesar dos desafios, contribuíram para a evolução da compreensão do papel da mulher na sociedade e na cultura.

No seu livro *O Formato Mulher: a Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa* (2009), Anna Klobucka explora minuciosamente a questão da representação feminina na literatura, situando-a em um contexto epistemológico que ressalta as disparidades entre os gêneros, especialmente no âmbito da tradição literária ocidental. Nesse enfoque, a desigualdade simbólica e material entre homens e mulheres é acentuada, revelando como a literatura, historicamente, serviu como mais um veículo de perpetuação do domínio masculino. A aristocracia composta por homens letRADOS, detentores de poder social, utilizava a literatura como um meio adicional de subjugar as mulheres, negando-lhes a autonomia que naturalmente lhes pertencia.

A libertação torna-se, de facto, a metáfora dominante para esta dissociação, frequentemente expressa em termos de independência: ideal sem dúvida louvável, quer se trate de países quer de corpos colonizados pela ditadura de modelos identitários axiomaticamente impostos. Assim, antes de mais nada, importa salientar a origem do referido fenômeno numa reacção justa e necessária precisamente contra tal colonização simbólica, com todas as consequências negativas que ela historicamente tem implicado. Ao mesmo tempo convém frisar, contudo, que a independência declarada somente poderá

atingir o estatuto de condição efectivamente praticável se (ou quando) se completar o seu reconhecimento dentro da rede de relações multilaterais em que qualquer organismo político se determina como entidade autónoma e em que qualquer ser humano no seu papel inelidível de ser social funciona. Não será particularmente heterodoxo afirmar que o dia-a-dia vivido pela sociedade portuguesa contemporânea - ou por qualquer outra sociedade a nível global - não se verifique a obliteração da diferença sexual como factor determinante da interação e interpretação recíproca dos indivíduos, que continuam a participar na realidade por eles constituída, e deles constituinte, enquanto seres sexuados, sendo que para a vasta maioria da população mundial tal identificação se reduz, para todos os efeitos práticos e teóricos, ao binómio tradicionalmente consagrado de homens e mulheres (por esta, igualmente consagrada, ordem de enumeração). (Klobucka, 2009, p. 32)

Num cenário em que as mulheres já ocupavam um lugar subalterno em todas as esferas da sociedade, a discussão da temática homossexual na produção literária amplia ainda mais a complexidade dessa questão. Um exemplo notório é o caso de Judith Teixeira, que se encontra em uma dupla marginalização. Sua escrita aborda o amor carnal e ardente entre mulheres, um tema que, até os dias atuais, é muitas vezes condenado por muitos setores sociais.

Ao abordar a história da homossexualidade, especialmente em sua relação com a antiguidade, emerge um contraste interessante com os preceitos cristãos predominantes. Enquanto esses preceitos condenam a homossexualidade, a cultura greco-romana da antiguidade reconhecia e, em certa medida, normalizava práticas homossexuais, onde a atração e o desejo entre indivíduos do mesmo sexo eram considerados em termos de beleza e atração mútua, como discutido por Michel Foucault em *A História da Sexualidade: O uso dos prazeres* (1984).

Ao contrário, para os gregos, é a oposição entre atividade e passividade que é essencial e marca tanto o domínio dos comportamentos sexuais como o das atitudes morais; vê-se, então, por que um homem pode preferir os amores masculinos sem que ninguém sonhe em suspeitá-lo de feminidez, desde que ele seja ativo na relação sexual e ativo no domínio de si; em troca, um homem que não é suficientemente dono de seus prazeres — pouco importa a escolha de objeto que faça — é considerado como "feminino". A linha de demarcação entre um homem viril e um homem efeminado não coincide com a nossa oposição entre hétero e homossexualidade; ela também não se reduz à oposição entre homossexualidade ativa e passiva. Ela marca a diferença de atitude em relação aos prazeres; e os signos tradicionais dessa feminidez — preguiça, indolência, recusa das atividades um tanto rudes do esporte, gosto pelos perfumes e pelos adornos, lassidão... (malakia) — não designarão forçosamente aquele que será chamado no Século XIX "o invertido", mas aquele que se deixa levar pelos prazeres que o atraem: ele é submisso aos próprios apetites assim como aos dos outros. Face a um rapaz muito afetado Diógenes se zanga; mas ele considera que esse porte feminino pode traer tanto o seu gosto pelas mulheres como pelos homens.¹⁴⁰ O que constitui, para os gregos, a negatividade ética por exceléncia, não é, evidentemente, amar os dois性os; também não o é preferir seu próprio sexo ao outro; é ser passivo em relação aos prazeres. (Foucault, 1984 p.79)

Porém, é vital salientar que essa liberdade na antiguidade não era desprovida de suas próprias complexidades. Paul Veyne (1998) aponta que, dentro do pensamento platônico, a homossexualidade não era vista como abominável, mas como uma expressão desinibida dos próprios instintos em busca do prazer. Nesse contexto, a pesquisa de Garay (2001) adquire um papel significativo, uma vez que ela compara a obra de Judith Teixeira com a do poeta Sálico, situando-a como uma das primeiras tentativas de dar visibilidade à escritora e, simultaneamente, de explicar o seu apagamento da história do modernismo.

A obra de Klobucka e a investigação subsequente de Judith Teixeira e suas contribuições para a literatura revelam as múltiplas camadas de opressão e marginalização enfrentadas pelas mulheres, especialmente quando suas expressões literárias desafiam as normas culturais e de gênero. Esse exame minucioso da história literária não apenas resgata vozes negligenciadas, mas também lança luz sobre as complexas interações entre literatura, identidade e poder, contextualizando essas questões dentro de uma rede intricada de influências culturais, sociais e históricas.

Judite era mulher, inteligente e provavelmente amava "saficamente" outras mulheres (em corpo e/ou espírito), o que era mais que suficiente para a sua condenação no contexto sexista, homofóbico, e socialmente subdesenvolvido da vida europeia dos princípios do século XX. (Garay, 2002, p. 58)

Judith Teixeira, ao se insurgir contra o papel predefinido que a sociedade impunha às mulheres desde o seu nascimento, assumiu um papel revolucionário e protagonista para si mesma. A sua poesia, permeada por sensualidade e luxúria, desafiava os padrões estabelecidos e a colocava à frente de seu tempo. Essa reavaliação da história da literatura é discutida na obra *Judith Teixeira: poesia e prosa*, organizada por Cláudia Pazos Alonso e Fábio Mário da Silva, que resgata o legado dessa poetisa e a posiciona como uma figura à frente do seu contexto histórico.

A sociedade portuguesa em que Judith Teixeira viveu estava profundamente enraizada em uma tradição patriarcal e sexista, respaldada por influências religiosas e históricas que ecoam até os dias de hoje. Dentro desse cenário, a compreensão da autora se tornou um desafio. Enquanto o mundo ao seu redor passava por transformações sociais, políticas e individuais profundas, Judith estava inserida em uma era de mudança. A busca por liberdade e emancipação de grupos marginalizados ganhava força, evocando um anseio ardente por transformações radicais (ALONSO E SILVA, 2015).

Desde os primórdios da estrutura social, as mulheres foram reduzidas a estereótipos concebidos pelos homens, sendo frequentemente representadas na literatura

e na mídia como figuras ausentes ou associadas à sedução. Essa objetificação perpetuou a visão de que as mulheres eram meras consumidoras, fúteis, aproveitadoras e dependentes financeira e emocionalmente dos homens. Esses estereótipos alimentaram a desconstrução binária entre homens e mulheres (ZOLIN, 2009). Dentro da poesia de Judith, o foco não se restringe apenas ao aspecto sexual, mas também à dimensão homossexual, que serve como base para a sua reivindicação do lugar da mulher enquanto mulher.

Diante desse contexto, torna-se imperativo investigar as nuances que levaram a poetisa Judith Teixeira a ser marginalizada do cenário literário português. Isso exige uma análise aprofundada das temáticas presentes em sua poesia, como a feminilidade, o erotismo e a homossexualidade. A sua poesia desafia as normas de gênero, reescrevendo as narrativas tradicionais que por tanto tempo marginalizaram as mulheres e as relegaram a papéis limitados. O processo de reavaliação da sua obra e do seu legado é uma contribuição crucial para a compreensão das lutas históricas das mulheres na busca pela voz, pela expressão e pela igualdade em um mundo que, por séculos, relegou-as às sombras.

3. CAPÍTULO II: O FAZER POÉTICO JUDITIANO

3.1 ANTES DE MIM, EXISTIAS TU

Na poesia juditiana a sexualidade é explorada de maneira subversiva. Foucault (1984) revela a maneira pela qual a sexualidade é explorada e subvertida nas obras literárias, propondo uma abordagem complexa e multifacetada da sexualidade, enfatizando como as sociedades moldam as normas e os discursos em torno dela, argumenta que a sexualidade é um campo de conhecimento que as sociedades historicamente têm buscado controlar e regular. É dentro dessa esfera que a poesia de Judith se faz presente na busca pela reafirmação da liberdade feminina enquanto indivíduo independente, pensante e carregado de desejo e identidade.

Como bem vimos, os gregos tinham um processo de ver a sexualidade diferente dos demais povos, uma figura bastante emblemática e conhecida é Safo de Lesbo, também conhecida como Safo de Lesbos, foi uma poetisa grega que viveu na ilha de Lesbos por volta do século VII a.C. Ela é amplamente reconhecida como uma das maiores poetisas líricas da Grécia Antiga e é famosa por sua poesia lírica, especialmente pela expressão do

amor e do desejo entre mulheres. Seus poemas, conhecidos como fragmentos, exploram temas como a beleza das mulheres, a atração erótica e a intimidade emocional entre elas. Safo desafiou as normas sociais de sua época ao celebrar a sexualidade feminina e o amor entre mulheres em suas composições. Seu trabalho é um testemunho da existência de relacionamentos homossexuais nas sociedades antigas e da capacidade da poesia de dar voz às experiências não normativas.

Embora Safo de Lesbo e Judith Teixeira¹ tenham vivido em épocas e contextos diferentes, ambas deixaram um legado importante na literatura ao abordar temas relacionados à sexualidade e ao desejo feminino. Suas obras representam uma expressão autêntica da experiência humana e a capacidade da literatura de desafiar as normas sociais e dar voz às vozes marginalizadas. Ambas são lembradas como figuras literárias corajosas que contribuíram para a ampliação da compreensão da diversidade sexual e do empoderamento das mulheres em suas respectivas culturas e períodos históricos.

Safo de Lesbo e Judith Teixeira são duas figuras notáveis na história da literatura, cada uma em seu respectivo contexto histórico e cultural. Embora tenham vivido em épocas e contextos diferentes, ambas desempenharam papéis importantes na representação da sexualidade e do desejo feminino em suas obras.

3.2 OS ATRAVESSAMENTOS DO DESEJO

A literatura desempenha um papel fundamental na sociedade, pois vai além de meros relatos da verdade, ela serve como uma janela para os recônditos mais íntimos da alma humana, revelando os desejos mais profundos e muitas vezes avassaladores que permeiam nossa existência. Essa expressão artística não se limita apenas a explorar a esfera individual, mas também se estende ao âmbito político, à busca pela compreensão do mundo e à construção da identidade. Dentro desse vasto espectro, a representação da sexualidade, do erotismo, do gênero e do feminismo emerge como temas emaranhado e interconectados, que desempenham um papel crucial nas discussões contemporâneas. Esses temas não se limitam à um processo puramente individualista, mas lançam raízes profundas na busca por igualdade de gênero, liberdade sexual e empoderamento das mulheres, particularmente no que diz respeito ao olhar feminino sobre seus próprios corpos. A poesia juditiana é um exemplo claro do processo de empoderamento do corpo

¹ SILVA, Fabio Mario da; VILELA, A na Luísa. Homo(lesbo)erotismo e literatura, no Ocidente e em Portugal: Safo e Judith Teixeira. **Navegações**, [s. l.], 2011

e do desejo feminino. Além de sua estética, ela mergulha profundamente em um processo político de construção da identidade, utilizando temas polêmicos, que eram considerados como tais pela época, para dar voz a um corpo feminino que é senhor de si mesmo e não mera posse do patriarcado.

A sexualidade, como componente inerente à condição humana, tem sido objeto de estudo e reflexão ao longo dos séculos. No entanto, a maneira como a sociedade a compreendeu e abordou varia significativamente com base em fatores culturais, históricos e sociais. Em muitas culturas, a sexualidade das mulheres foi historicamente reprimida e controlada, muitas vezes limitada a um papel restrito de procriação e submissão, FOUCAULT (1984), aborda o processo de construção da sexualidade na Grécia Antiga, destacando que as restrições e definições do que era considerado certo ou errado eram menos demarcadas do que nas épocas posteriores. Os gregos tinham uma rica variedade de termos e conceitos para definir a sexualidade, refletindo uma compreensão mais ampla e fluída desse aspecto humano:

Pode-se muito bem admitir a tese corrente de que os gregos dessa época aceitavam muito mais facilmente que os cristãos da Idade Média ou que os europeus do período moderno, certos comportamentos sexuais; pode-se muito bem admitir igualmente que as faltas e as más condutas nesse campo suscitavam, então, menos escândalo, e expunham a menos retorsão, tanto mais que nenhuma instituição — pastoral ou médica pretendia determinar o que, nessa ordem de coisas, é permitido ou proibido, normal ou anormal; pode-se também admitir que eles atribuíam, a todas essas questões, muito menos importância que nós. Entretanto, mesmo que tudo isso seja admitido ou suposto, um ponto permanece irredutível: eles se preocuparam, não obstante, com essas questões. Existiram pensadores, moralistas, filósofos e médicos para estimar que o que as leis da cidade prescreviam ou interditavam, o que o costume geral tolerava ou refutava, não podia ser suficiente para regular devidamente a conduta sexual de um homem cuidadoso de si: eles reconheciam, na maneira de ter essa espécie de prazer, um problema moral. (Foucault, 1984, p.35)

Autores e autoras do modernismo em Portugal desafiaram as normas conservadoras da sociedade de sua época, explorando a sexualidade de maneira mais aberta. Esse movimento desempenhou um papel fundamental na construção de pensamentos menos centrados no patriarcado e mais inclusivos. No entanto, é importante reconhecer que as experiências relacionadas à sexualidade variam significativamente entre mulheres de diferentes origens étnicas, raciais, socioeconômicas e culturais. O feminismo interseccional, nesse contexto, surge como uma abordagem que reconhece essas diferenças e busca tratar as questões de forma mais inclusiva e equitativa.

A análise da discussão sobre sensualidade e erotismo no contexto literário do modernismo em Portugal é crucial para entender o impacto dessa abordagem em uma

sociedade profundamente marcada pelo conservadorismo e pelo catolicismo. Nessa era, Portugal era uma sociedade onde as normas de moralidade e as expectativas em relação à conduta sexual eram rigorosas. O ambiente literário refletia essas normas, tornando a discussão aberta sobre temas eróticos e sensuais um território em grande parte inexplorado.

Nessa "arte erótica" que, com seus alvos éticos bem marcados, busca intensificar, tanto quanto possível, os efeitos positivos de uma atividade sexual dominada, refletida, multiplicada e prolongada, o tempo — aquele que termina o ato, envelhece o corpo e leva à morte — se encontra conjurado. Na doutrina cristã da carne também se encontrarão facilmente temas bem próximos de inquietação: a violência involuntária do ato, seu parentesco com o mal e seu lugar no jogo entre a vida e a morte. Mas Santo Agostinho verá, na força irreprimível do desejo e do ato sexual, um dos principais estigmas da queda (esse movimento involuntário reproduz no corpo humano a revolta do homem sublevado contra Deus): a pastoral fixará, num calendário preciso, e em função de uma morfologia detalhada dos atos, as regras de economia a que convém submetê-los; enfim, a doutrina do casamento conferirá à finalidade procriadora o duplo papel de garantir a sobrevivência ou mesmo a proliferação do povo de Deus, e a possibilidade para os indivíduos de não destinar, através dessa atividade, sua alma à morte eterna. Tem-se aí uma codificação jurídico-moral dos atos, dos momentos e das intenções, que torna legítima uma atividade que carrega em si mesma valores negativos: e a inscreve no duplo registro da instituição eclesiástica e da instituição matrimonial. O tempo dos ritos e o da procriação legítima podem absolvê-la. (Foucault, 1984, p. 124)

A censura e o conservadorismo cultural exerciam uma forte influência, tornando desafiador o ato de expressar criativamente a sexualidade de forma franca e aberta. A literatura erótica desempenhou um papel intrigante e ousado na exploração da sexualidade e da liberdade de expressão literária. O modernismo e suas rupturas das convenções literárias tradicionais permitiram que esse tema fosse abordado de forma mais incisiva e poética, trazendo a luz o prazer do corpo e suas necessidades enquanto carne. Porém, é importante notar que a literatura erótica do modernismo em Portugal não se limitava apenas à exploração sexual. Ela também estava intrinsecamente ligada às ideias feministas emergentes da época, à medida que as autoras e autores questionavam as normas de gênero e exploravam as experiências das mulheres de forma mais ampla.

No entanto, vale ressaltar que a literatura erótica no modernismo em Portugal ainda era, em grande parte, uma expressão literária masculina. As vozes femininas estavam em processo de emancipação, e o feminismo estava apenas começando a ganhar força. O erotismo é uma faceta da experiência humana que representa a capacidade de estimular os sentidos de forma ampla, explorando o sexual e a exploração da intimidade e desempenha um papel importante na arte, na literatura e na vida cotidiana. O erotismo abrange a gama completa dos sentidos, desde o aroma de uma refeição deliciosa até a

textura suave de um tecido de alta qualidade, e demonstra a capacidade de apreciar a beleza e o prazer nas experiências sensoriais, sem necessariamente levar ao desejo sexual, pode ser encontrada em um pôr do sol, na música que acalma a alma ou na carícia suave de uma brisa de verão, ele convida a explorar o mundo ao nosso redor, permitindo-nos encontrar alegria e satisfação nas pequenas coisas da vida. A literatura erótica, por exemplo, pode descrever cenas de paixão e intimidade sexual de forma explícita ou sugestiva, com o objetivo de despertar a excitação e o desejo nos leitores.

A literatura erótica, desempenham um papel interessante nesse contexto. Enquanto a literatura erótica muitas vezes foi associada à exploração e objetificação das mulheres, ela também pode ser uma forma de expressão da sexualidade feminina e do desejo das mulheres. O feminismo tem questionado a maneira como a sexualidade feminina é representada na literatura e na mídia, exigindo uma abordagem mais inclusiva que reflita as experiências e desejos das mulheres. Ele é uma vertente da escrita que aborda a sexualidade e o desejo, podendo ser entre dois corpos femininos de maneira explícita e sensível. É um gênero literário que desafia tabus e preconceitos, oferecendo uma voz às experiências lésbicas e contribuindo para a ampliação da compreensão sobre a diversidade sexual.

O feminismo é uma luta pela igualdade de gênero em todas as esferas da vida, incluindo a sexualidade. Uma das principais preocupações do feminismo é desafiar as normas de gênero tradicionais que perpetuam a objetificação das mulheres e a repressão de sua sexualidade. O movimento feminista trabalha para promover a ideia de que as mulheres têm o direito de tomar decisões sobre seu próprio corpo, incluindo assim, a sexualidade, sem julgamento ou coerção.

O trabalho de Judith Teixeira tem um caráter feminista. Ela viveu em uma época em que a visibilidade das mulheres lésbicas era praticamente inexistente, e o feminismo estava apenas começando a ganhar força. Sua poesia ousada e íntima, muitas vezes escrita em forma de sonetos e poemas líricos, quebrou barreiras e desafiou as normas sociais que silenciavam as experiências lésbicas. Uma das características marcantes da poesia lesboerótico de Judith Teixeira é a maneira como ela celebra o corpo feminino e a intimidade entre mulheres. Seus poemas capturam a sensualidade, o desejo e o amor de forma autêntica e apaixonada. Ela desafia a ideia de que o desejo entre mulheres é tabu ou deva ser oculto, afirmando a validade dessas experiências e emoções.

Para tratar das questões amorosas femininas, os poemas de Judith Teixeira são duplamente transgressores, na medida em que não apenas falam do amor entre

mulheres, mas, principalmente, porque trazem à baila um corpo feminino libidinoso, que desperta e sente desejo, apontando para uma sexualidade que a sociedade da época – ou talvez de todas as épocas desde a Idade Média – considera imprópria para ser publicamente exposta. Assim, de fato, Judith Teixeira é afastada do centro dos debates literários por um triplo preconceito: é mulher, é lésbica e ousa falar do corpo feminino e de seu desejo. (Dunder, 2021, p.34)

Além disso, a poesia de Judith Teixeira também aborda questões de identidade e autoaceitação. Ela oferece uma voz àqueles que muitas vezes eram marginalizados e invisibilizados na sociedade, fornecendo um espaço seguro para a expressão de suas vivências. Nesse sentido, sua obra é profundamente empoderado e libertadora para as mulheres lésbicas e bissexuais que podem se identificar com suas palavras. É importante ressaltar que a poesia de Judith Teixeira não se limita apenas à exploração da sexualidade. Ela também aborda questões mais amplas de opressão de gênero e patriarcado, conectando sua poesia ao movimento feminista emergente de sua época.

Sua escrita desafia as normas de gênero, questionando a subordinação das mulheres e a objetificação de seus corpos. Dito isso, vamos explorar a análise de determinados poemas escritos por Judith Teixeira, com o objetivo de examinar como essas obras destacam os momentos em que a tradição patriarcal portuguesa é desafiada e como os elementos presentes em sua escrita contribuem para fortalecer o papel da autoria feminina no contexto literário.

Flores de Cactus

Flores de cactus resplandecentes,
 Espelhantes, encarnadas!
 Rubras gargalhadas
 De cortesãs...
 Embriagam-se de sol,
 Pelas doiradas manhãs,
 Viçosas e ardentes!

Bela flor imprudente!
 Brilha melhor o sol rutilante
 Nas suas pétalas vermelhas...
 É sugestivo
 O ar insolente
 E petulante,
 Como se deixam morder
 Pelas doiradas abelhas!

Nascem para ser beijadas
 E possuídas

Pelo sol abrasador...
 Lascivas,
 Predestinadas
 Para os mistérios do amor!

(Teixeira, 1921)

No poema a profundidade da subversão não se limita apenas à superficialidade da forma e da linguagem; ela mergulha nas entranhas das normas sociais e dos padrões de gênero do século XX em Portugal. A escolha da temática das flores de cacto em si é emblemática, uma vez que essas plantas resistem em condições áridas, contradizendo a visão convencional de fragilidade feminina. Essa inversão da expectativa é um sutil prelúdio para a reconfiguração que se desenrola no poema.

A descrição das flores como */rubras gargalhadas de cortesãs/* é carregada de ambiguidade e ironia. A relação estabelecida entre as flores e as cortesãs, mulheres frequentemente marginalizadas pela sociedade, é provocante e desafiadora, ao usar essa comparação, Judith Teixeira posiciona a figura feminina como detentora de poder e autonomia, que não se conforma às regras impostas pelo patriarcado.

Além disso, a conexão entre as flores e o sol oferece uma metáfora rica para a busca do prazer e da satisfação pessoal. A descrição das flores como */embriagam-se de sol/* sugere uma tomada de controle sobre os próprios desejos e uma afirmação ousada da própria sexualidade, contrastando com as expectativas repressoras da época. A sugestão de que o sol é um elemento de liberação também pode ser lida como um chamado para as mulheres rejeitarem a submissão e abraçarem a autodeterminação.

A alusão às */doiradas abelhas/* acentua ainda mais essa inversão das convenções tradicionais. Ao atribuir às flores uma participação ativa e voluntária na interação com as abelhas, Judith Teixeira subverte a ideia de passividade e submissão associada às mulheres. Aqui, a poetisa sugere que a busca pelo prazer e pelo desejo é algo que pode ser abraçado e explorado conscientemente, em oposição à repressão que muitas vezes caracterizava as experiências femininas.

Dentro do contexto português do século XX, marcado por normas rígidas de gênero e uma sociedade dominada por valores conservadores, a poesia de Judith Teixeira emerge como uma voz desafiadora e resistente. O poema *Flores de Cactus* é um testemunho da sua coragem ao reivindicar a autonomia feminina, a sexualidade e o direito à expressão plena. Ao subverter símbolos e construções sociais, a autora derruba barreiras e estabelece um precedente para a exploração de temas tabus e complexos na literatura, abrindo um espaço para que as mulheres rompessem com as amarras do silêncio e da

opressão. Portanto, a subversão presente no poema vai muito além das palavras; ela ressoa como um grito de liberdade e autenticidade em meio a um mundo que estava em conflito com a mudança e a evolução das identidades femininas.

Ninguém

Embriaguei-me
num doido desejo
E adoeci de saudade.
Caí no vago ... no indeciso
Não me encontro, não me vejo -
Perscruto a imensidade

E fico a tactear na escuridão
Ninguém. Ninguém
Nem eu, tão pouco!

Encontro apenas
o tumultuar dum coração
aprisionado dentro do meu peito
aos saltos como um louco.

(Teixeira, 1923)

No poema encontramos um mergulho profundo na subjetividade do eu lírico, permeado por elementos formais e temáticos que o conectam tanto ao contexto literário do século XX em Portugal quanto à natureza subversiva da poesia.

A estrutura do poema é enxuta, consistindo em três estrofes que, apesar de curtas, carregam uma intensidade emocional significativa. A escolha de palavras é precisa e evocativa, levando o leitor a acompanhar a jornada interna do eu lírico enquanto ele experimenta uma gama de emoções e reflexões.

Ao iniciar com “Embriaguei-me / num doido desejo / E adoeci de saudade”, o poema lança o leitor em um estado de inquietação e anseio. A imagem da embriaguez sugere uma busca por escapismo, possivelmente em meio a uma realidade que não atende às expectativas do eu lírico. O sentimento de saudade reforça essa sensação de falta, destacando a desconexão com algo que já foi vivenciado ou ansiado.

A partir dessa introdução emocionalmente carregada, o poema mergulha em uma exploração mais profunda. A segunda estrofe, “Caí no vago ... no indeciso / Não me encontro, não me vejo - / Perscruto a imensidade”, expressa um sentimento de desorientação e incerteza. As palavras “vago” e “indeciso” evocam um estado de confusão

existencial, no qual o eu lírico se perde em meio à vastidão de possibilidades e significados.

A repetição da palavra *Ninguém* assume um papel central, simbolizando não apenas a solidão, mas também a busca pelo sentido da identidade própria. O uso recorrente de *Ninguém* reflete um questionamento sobre a própria existência e a necessidade de definição e reconhecimento. Essa repetição, juntamente com a linha “Nem eu, tão pouco!”, aponta para a dificuldade do eu lírico em se encaixar ou encontrar uma identidade fixa.

A terceira estrofe aprofunda ainda mais esse sentimento de busca e isolamento. O “tumultuar dum coração / aprisionado dentro do meu peito / aos saltos como um louco” retrata a agitação interna e emocional do eu lírico, que luta para encontrar um sentido e um propósito em meio à confusão existencial.

No contexto literário do século XX em Portugal, marcado por movimentos culturais e transformações sociais, o poema "Ninguém" ecoa as preocupações e as reflexões de muitos artistas e intelectuais da época. A busca por uma identidade autêntica e uma compreensão mais profunda do Ser era uma temática recorrente em meio à agitação das mudanças políticas e culturais.

Comparando com *Flores de Cactus*, que também explora a subversão de normas e convenções, percebemos elementos em comum. Ambos os poemas desafiam a visão estereotipada da identidade e do papel social. Enquanto *Flores de Cactus* subverte a noção tradicional de feminilidade, *Ninguém* desafia a busca convencional por uma identidade estável.

A linguagem poética em ambos os poemas é fundamental para transmitir suas mensagens. Em *Ninguém*, as repetições e as metáforas são usadas para expressar a turbulência emocional e a busca pela autenticidade. A linguagem é usada para desafiar as normas e criar um espaço para uma expressão individual profunda e sincera.

O poema mergulha nas complexidades da identidade e da busca por significado em um mundo em mudança. Sua linguagem evocativa, juntamente com a exploração emocional do eu lírico, ressoa com os desafios e as reflexões do contexto literário do século XX português.

O poema aborda a sexualidade de maneira mais introspectiva e complexa. Foucault discute como, ao longo da história, as sociedades moldaram discursos em torno da sexualidade, e *Ninguém* exemplifica a exploração individual dos desejos e anseios. O poema questiona a ideia de uma identidade sexual fixa, mostrando como o eu lírico está

em constante busca por compreensão e significado. Isso ecoa a ideia de Foucault de que a sexualidade é fluída e moldada por contextos sociais e históricos.

A Estátua

O teu corpo branco e esguio
Prende todo o meu sentido...
Sonho que pela noite, altas horas,
Aqueces o mármore frio
Do alvo peito entumecido...

E quantas vezes pela escuridão
A arder na febre de um delírio,
Os olhos roxos como um lírio
Venho espreitar os gestos que eu sonhei...

.....
- Sinto os rumores duma convulsão,
A confessar tudo que eu cismei

.....
Ó Vénus sensual!
Pecado mortal
Do meu pensamento!
Tens nos seios de bicos acerados,
Num tormento,
A singular razão dos meus cuidados

(Teixeira, 1922)

O poema possui uma estrutura formal refinada, com versos cuidadosamente elaborados que transmitem uma atmosfera de contemplação e desejo. A escolha das palavras cria imagens vívidas e sensuais, conduzindo o leitor para dentro da mente do eu lírico enquanto ele se entrega a pensamentos intensos e apaixonados.

Através da descrição do corpo "branco e esguio", a obra evoca uma imagem escultural e deslumbrante. A presença da estátua não só prende o sentido do eu lírico, mas também desencadeia uma série de sensações e emoções. A combinação de "Sonho que pela noite, altas horas, / Aqueces o mármore frio / Do alvo peito entumecido" revela uma fusão entre o desejo humano e a fria imobilidade da estátua, criando uma tensão intrigante.

A repetição do eu lírico em "E quantas vezes pela escuridão / A arder na febre de um delírio" enfatiza a obsessão e a fixação que o objeto de desejo exerce sobre ele. Esses versos estabelecem uma relação intensa e ardente, transformando a estátua em um catalisador para a imaginação e os sentimentos do eu lírico.

O momento de pausa no poema, marcado pelos pontos de suspensão, sugere um suspiro ou uma reflexão profunda. Essa pausa é seguida pelo reconhecimento do eu lírico dos "rumores duma convulsão", revelando uma interiorização tumultuada e um desejo incontrolável que consome seus pensamentos.

No contexto literário do século XX, *A Estátua* pode ser inserido como um exemplo de poesia que explora a sensualidade e o desejo em meio a um período de transformação social e artística. O poema dialoga com as mudanças nas atitudes em relação ao corpo e à sexualidade, abraçando uma expressão mais franca e visceral dos anseios humanos.

Comparando com os poemas anteriores, pode-se observar elementos em comum, que desafiam as convenções e exploram as complexidades das emoções humanas. A linguagem poética é novamente uma ferramenta crucial para transmitir a intensidade e a profundidade do desejo do eu lírico.

Além disso, a sexualidade e a busca por satisfação pessoal também são temas que atravessam os três poemas. Enquanto *Flores de Cactus* reivindica a autonomia feminina em meio a concepções convencionais da feminilidade, *Ninguém* questiona a identidade individual em um mundo em transformação, *A Estátua* mergulha na paixão e nos desejos humanos, explorando a relação entre o objeto de desejo e o próprio eu.

O poema apresenta uma visão mais direta e intensa da sexualidade, explorando a paixão e o desejo erótico. Foucault argumenta que a sexualidade é uma parte intrínseca da experiência humana, muitas vezes moldada pelas estruturas de poder e conhecimento. O poema demonstra como a estátua, um objeto inanimado, é transformada em um símbolo de desejo e obsessão pelo eu lírico, refletindo a complexidade das interações entre desejo, controle e poder.

Sinfonia Hibernal

Adoro o Inverno.
Envolvo-me assim mais no teu carinho
Friorenta e louca
Nascem-me na alma os beijos
Que se vão aninhar na tua boca!

Gosto da neve a diluir-se ao sol
Em risos de cristal!
Vem-me turbar a ânsia do teu rogo
E a neve fulgente
Dos meus dentes trémulos
Vai fundir-se na taça ardente,
Rubra e original

Na qual eu bebo os teus beijos em fogo!

Tu adormentas a minha dor na doce sombra dos teus cabelos,
E eu envolvo-me toda nos teus braços
Para dormir e sonhar!
- Lá for a que não deixe de chover,
E o vento que não deixe de clamar!

Deixá-lo gritar!

(Teixeira, 1925)

O poema revela uma expressão de desejo e paixão que, quando contextualizado no ambiente português da época, apresenta uma abordagem que poderia ser desconfortável para a norma patriarcal e para as convenções sociais restritivas do início do século XX. Considerando o cenário sociocultural da época e os elementos do poema, podemos observar como a poesia de Judith Teixeira pode ter desafiado as normas patriarcais e como o poema em si causa desconforto dentro desse contexto.

O poema *Sinfonia Hibernal* destaca-se por seu tom apaixonado e pela exploração do desejo. Ao expressar o amor de forma intensa e direta, o poema rompe com as normas sociais que esperavam que as mulheres fossem contidas em suas expressões emocionais e sexuais. A ideia de "enrolar-se" no carinho da estação invernal, que é personificado como "friorenta e louca", pode ser vista como uma metáfora para a busca da intimidade e do calor humano, desafiando assim a restrição do papel da mulher como submissa e passiva.

A imagem da neve derretendo ao sol, associada à fusão dos beijos e ao desejo ardente, cria uma representação poderosa da paixão física e emocional. Esse tipo de abordagem pode ter sido percebido como provocante e inapropriado dentro do contexto patriarcal, onde a sexualidade das mulheres era muitas vezes reprimida e sua expressão pública era limitada.

Além disso, o poema também aborda a questão do desejo feminino de forma ativa. O eu lírico expressa a vontade de envolver-se no carinho e desejo, subvertendo a expectativa de que as mulheres deveriam ser passivas e recatadas em suas emoções e relacionamentos. A ideia de envolver-se nos braços da amante e dormir é um ato de entrega, mas também de autonomia em expressar seus próprios sentimentos e desejos.

Contextualizado no cenário sociocultural de Portugal no início do século XX, o poema oferece uma visão subversiva da feminilidade, autonomia e expressão emocional, trazendo o desejo de forma intensa e brincando com o imaginário do leitor. Dessa forma,

o processo de ruptura de uma poesia puritana e de tocante implícito que era permitido para as escritoras na época, acaba por incomodar o meio literário lusitano.

O Palhaço

Anda-se a rir, a rir dentro de mim,
Com as lívidas faces desbotadas
Um estranho palhaço de cetim,
Rasgando em dor meu peito às gargalhadas!
Sobe aos meus olhos sempre a rir assim -
Espreitando as figuras malsinadas
Que não se vestem nunca de arlequim,
Mas andam pela vida disfarçadas.

Na sombra dos meus cílios, emboscado,
Ri, no meu olhar frio e desolado,
Escondendo-se atónito e surpreso

E quando desce à triste moradia,
Vem mais louco e soberbo de ironia
Na irrisão dum sarcástico desprezo!

(Teixeira, 1923)

O poema *O Palhaço*², mergulhamos em um retrato emocionalmente intenso e complexo. Este poema se diferencia ao trazer à tona um olhar crítico sobre a dualidade da aparência e a realidade interna, adicionando um elemento de autoconsciência e reflexão sobre as máscaras que as pessoas usam para enfrentar o mundo.

A abordagem do "palhaço de cetim" como uma imagem que rasga o peito do eu lírico às gargalhadas introduz uma interação perturbadora entre a alegria externa e a angústia interna. A imagem do palhaço, que tradicionalmente evoca risos e entretenimento, é transformada em um símbolo de dor e ironia. Isso pode ser entendido como uma crítica à superficialidade das emoções e à necessidade de enfrentar a realidade emocional subjacente.

A ideia de "figuras malsinadas" que não se vestem de arlequim, mas caminham disfarçadas pela vida, evoca uma análise mais profunda sobre as máscaras sociais que as pessoas usam para ocultar suas dores e inseguranças. O poema parece questionar a autenticidade das interações humanas, sugerindo que muitas vezes o que é exibido ao mundo é apenas uma fachada, enquanto as emoções verdadeiras permanecem escondidas.

² SILVA, Fabio Mario da. O mito da Medusa e sua relação com a poesia de Judith Teixeira. **Todas as Musas**, [s. l.], 2014.

Além disso, a imagem do palhaço emboscado na sombra dos cílios e rindo nos olhos do eu lírico acrescenta uma camada de introspecção e autoconsciência. Isso pode ser interpretado como uma representação da auto-observação e da análise crítica do próprio eu lírico em relação às suas emoções e à forma como ele interage com os outros. A dualidade de "rir" externamente e "ironizar" internamente pode sugerir um confronto interno entre a expectativa social e a experiência individual.

No contexto da discussão sobre a ruptura da tradição patriarcal e o fortalecimento da autoria feminina, o poema *O Palhaço* destaca-se ao mergulhar profundamente nas complexidades da psicologia humana. A abordagem subversiva aqui reside na exposição das máscaras sociais e na exploração das emoções genuínas por trás delas.

Liberta

Noutros cenários a minha alma vive!
 Outros caminhos...
 Por outras luzes iluminada!
 - Eu vim daquele mundo onde estive
 tanto tempo emparedada...

Andavam de negro
 As minhas horas...
 A esquecer-me da vida-
 Não me encontrava!
 Meus sonhos amortalhados
 Em crepúsculo,
 A noite não os levava!

.....

Um entardecer triste e doloroso
 Enrubesceu o céu!
 E o meu olhar ansioso
 Fundiu-se no teu!

(Teixeira, 1922)

O poema nos leva a um mergulho no processo de autodescoberta e libertação, expondo uma jornada emocional e introspectiva. Abordando uma transformação interior e uma busca por uma identidade autêntica, permitindo-nos explorar como esses temas se relacionam com a quebra da tradição patriarcal e o fortalecimento da autoria feminina.

O poema apresenta uma transição marcante desde o início até o final. A primeira estrofe estabelece uma sensação de restrição e confinamento da alma, sugerindo uma experiência passada de opressão. A linguagem como "paredada" e "amortalhados" evoca

um ambiente de sombras e escuridão que prendeu a expressão do eu lírico, aludindo ao aprisionamento das mulheres em um contexto patriarcal.

No entanto, a segunda estrofe rompe com essa imagem sombria ao introduzir a ideia de libertação. “Um entardecer triste e doloroso/ que /Enrubesceu o céu!” simboliza uma mudança, uma transformação interior que está ocorrendo. O eu lírico expressa o olhar ansioso que se funde com o do outro, sugerindo um encontro e uma conexão emocional significativa.

A análise subjetiva do poema revela uma narrativa de transição da opressão para a liberdade. A jornada da autora da escuridão para a luz é uma metáfora não apenas da busca pela identidade pessoal, mas também da busca das mulheres por autonomia e voz em uma sociedade que historicamente as restringiu. A transformação é vista como um processo de abandono das limitações impostas pelo patriarcado e da busca pela verdadeira autenticidade.

Dentro do contexto da tradição conservadora, *Liberta* oferece uma visão subversiva da capacidade das mulheres de se libertarem das amarras sociais e emocionais. A jornada interior da protagonista do poema espelha a luta das mulheres para encontrar sua voz, identidade e propósito além das expectativas e normas impostas. A narrativa de transformação também destaca a importância da autoconsciência e da busca por uma autoria genuína.

Conta-me Contos

Vem! Vem de mansinho...
 Deixe-me ficar
 nesta penumbra, nesta meia luz.
 Senta-te amor, devagarinho...
 Assim... Eu quero escutar
 essa música dolente,
 que a tua voz traduz!

Vem contar-me contos...
 Conta-me a vida dos ciganos
 nómadas, errantes.
 Dize-me dos orientais
 que têm paixões brutais
 e dos seus haréns,
 as cenas sensuais...

Dá, meu amor,
 dá alegria, põe muita cor
 nessas novelas...

Vem contar-me coisas belas!

Veste as ciganas bronzeadas
de lenços de ramagens!
Dá tons vivos às imagens...
Veste-as de cores encarnadas!

Fala-me dessas tribos selvagens
enfeitadas com penas multicores
e coisas esquisitas,
desenhando tatuagens
no peito das favoritas!
- Dize-me dos seus amores...

Enche de luz e de estridor
a minha alcova sombria!
Dá-me alegria...
Incendeia meu sangue arrefecido!
E depois meu amor...
Depois... deixa-me sonhar...
Delirar,
num sonho belo, rubro, colorido!

(Teixeira, 1922)

O poema retrata uma atmosfera íntima e convidativa, onde o eu lírico pede a pessoa amada para compartilhar histórias. A linguagem poética e as imagens vívidas criam um ambiente de encanto e desejo por conhecimento.

Na primeira estrofe, o eu lírico convida o amado a se aproximar suavemente, criando uma atmosfera acolhedora na "penumbra" e na "meia luz". O ato de sentar-se é descrito como "devagarinho", o que sugere uma sensação de paciência e preparação para uma experiência enriquecedora. O eu lírico expressa o desejo de escutar a "música dolente" que a voz do amado carrega, indicando que essa narração trará uma profundidade de emoção.

A segunda estrofe revela o pedido do eu lírico para que o amado conte histórias intrigantes. O foco é nas vidas dos ciganos, nômades e errantes, e também nas paixões intensas dos orientais e as cenas sensuais dos haréns. O desejo do eu lírico por narrativas ricas e vivas é evidente na solicitação de que o amado encha as histórias com "alegria" e "cor". O eu lírico busca escapar da realidade e mergulhar em mundos imaginários.

A terceira estrofe reforça o apelo visual das histórias, com o eu lírico pedindo para o amado "vestir" as personagens das narrativas com lenços de ramagens e cores encarnadas. As imagens dos ciganos, das tribos selvagens e suas tatuagens e penas multicores evocam um senso de exotismo e vitalidade. Como abordar Silva:

E quais seriam esses corpos belos traduzidos em imagens bizarras em sua poética? São, sobretudo, alusões aos corpos femininos nus, como no poema “Venere Coricata” (*Decadência*), em que esses corpos representam o desejo lésbico erotizado, imagem desejada pelo eu lírico feminino. (Silva, 2019, p. 48)

Na última parte do poema, o eu lírico deseja que o amado preencha a "alcova sombria" com luz e estridor, trazendo alegria e energia à sua vida. A ideia de "incendiar o sangue arrefecido" sugere reacender o fervor emocional. E depois disso, o eu lírico pede para ser deixado sozinho para sonhar e delirar em um mundo colorido e belo, onde as narrativas compartilhadas se transformam em um "sonho belo, rubro, colorido".

O poema "Conta-me Contos" exalta a capacidade das histórias de evocar emoções, transportando o eu lírico para outros mundos e criando uma experiência de escapismo emocional. Através de imagens ricas e uma atmosfera apaixonada, o poema celebra a conexão entre a narração de histórias e a busca pela intensidade da vida e da imaginação.

A Cigana

Era uma esvelta cigana
de bronzeado perfil,
desse bairro de Triana,
onde elas nascem às mil.

Enfeitada de sequins
nas negras tranças luzentes...
- Nos olhos, perversos fins,
na boca, felinos dentes.

Toda gestos coleantes.
E na cinta esguia e alta,
ondulações provocantes,
dançando à luz da ribalta.

Não sei dizer, por que estranha
bizarria, quis saber,
com uma ânsia tamanha,
a vida dessa mulher...

Numa noite de tormenta,
mais sombrio, o olhar bistrado,
contou-me a história cruenta
do seu ser destrambelhado.

O desejo, o mau intento,
por certo loiro arlequim,
pervertido adolescente...
e da sua posse enfim!

E os seus dentes tão brilhantes
 felinos e aguçados,
 lembravam lobos hiantes
 nas florestas ramalhantes,
 dos seus olhos ensombrados!

Fico às vezes a cismar,
 na anomalia brutal
 desse amor tão singular,
 que o fez morrer de dor
 e na volúpia sensual,
 dela, contando esse horror...

Tremem meus nervos doentes...
 Não repelem a visão,
 sentindo os agudos dentes
 virem morder-me inclementes,
 numa infernal perversão!

(Teixeira, 1922)

O poema pinta uma atmosfera íntima e convidativa, onde o eu lírico faz um pedido à pessoa amada para compartilhar histórias. A linguagem poética e as imagens vívidas que se desdobram criam um ambiente de encanto e um desejo ardente por conhecimento e vivacidade. Logo na primeira estrofe, o eu lírico convida o amante a se aproximar com suavidade, estabelecendo uma atmosfera acolhedora na "penumbra" e na "meia luz". A ação de sentar-se é cuidadosamente descrita como sendo realizada "devagarinho", transmitindo uma sensação de paciência e uma preparação meticulosa para uma experiência única e prolongada em suas sensações. O eu lírico expressa o desejo de ouvir a "música dolente" que a voz traz consigo, sugerindo que essa narração promete uma profundidade emocional rica e cativante, uma forma singular de ser realizada.

Na segunda estrofe, o poema revela o pedido do eu lírico para que a pessoa amada conte histórias intrigantes. O foco reside nas vidas dos ciganos, nômades e errantes, bem como nas paixões intensas dos orientais e nas cenas sensuais dos haréns, trazendo uma ideia de algo não fixo, mutável e volátil. O desejo do eu lírico por narrativas vívidas e ricas é notável na solicitação de que o amado preencha as histórias com "alegria" e "cor", mostrando uma despreocupação e anseia por escapar da realidade e mergulhar profundamente em mundos imaginários, onde as emoções correm soltas, selvagens e momentâneas.

A terceira estrofe reforça o apelo visual que a construção poética do poema quer transmitir, com o eu lírico pedindo ao amante que "vista" as personagens das narrativas

com lenços de padrões e cores encarnadas. As imagens dos ciganos, das tribos selvagens com suas tatuagens e penas multicores evocam um senso de exotismo e vitalidade, trazendo o leitor para um mundo de culturas distantes, na parte final do poema, o eu lírico deseja que o preenchimento da sua "alcova sombria" com luz e som, trazendo alegria e vitalidade para sua vida, mostrando esse contraponto de sombrio e escuro, triste e alegre. A ideia de "incendiar o sangue arrefecido" sugere uma reavivamento das emoções e do sentir, após o momento acabado, o eu lírico pede para ser deixado sozinho para sonhar e delirar em um mundo colorido e belo, onde as histórias compartilhadas se transformam em um "sonho belo, rubro, colorido", deixando a prova que o real não o prende e nem interessa, mas sim o mundo das idealizações.

A celebração da capacidade das histórias de evocar emoções profundas e transportar o eu lírico para mundos distantes, criando uma experiência de escapismo emocional é o ponto central do poema. Através de imagens ricas e uma atmosfera apaixonada, o poema exalta a conexão intrínseca entre a arte de contar histórias e a busca pelo fervor da vida e da imaginação para fugir do real.

A Outra

A Outra, a tarada,
aquela que vive em mim,
me ninguém viu, nem conhece
e que enloirece
À hora linda do poente
pálida e desgrenhada –

Vem contar-me, muitas vezes,
na sua voz envolvente,
incoerente
e desgarrada
A estridência da cor,
a ânsia do momento...

Ambra dor
do sensualismo,
no ardor
de cada paroxismo...

Não há angústia maior
que essa tragédia interior: -

A intransigência
dos seus nervos
irreverentes servos

da sua inconsciência!

E é sempre a mesma dor angustiada
em cada sensação realizada...

Todo o seu canto morre num clamor!... –

Nada é verdade.
Só existe a Dor!
Nada mais subsiste,
- Mesmo o prazer
e a sensualidade
só na Dor existe!
(Teixeira, 1922)

O mergulho profundo que o poema explora da dualidade interna e dos conflitos emocionais do eu lírico, personificando essa dicotomia por meio de uma parte oculta e "tarada" que coexiste dentro de si e é o retrato sombrio e visceral da luta interna e das emoções profundamente reprimidas, que sempre o toma na dor dessa existência não existente, que reflete na construção de algo, mas não de si.

Na primeira estrofe, a figura de "A Outra" é introduzida como uma entidade obscura e desconhecida que reside no íntimo do eu lírico, invisível para os outros, mas dotada de um poder destrutivo inquietante, quase como algo maligno, não para si, porém para o externo. A menção à hora "linda do poente" cria um contraste entre a beleza exterior e a turbulência interna, sugerindo essa dualidade entre as aparências e o caos emocional que se esconde por trás delas. O uso de palavras como "enloirece", "pálida" e "desgrenhada" constrói uma imagem vívida da desordem emocional e do sofrimento que essa parte oculta carrega consigo, quase fantasmagórica.

Logo em seguida, na segunda estrofe, o eu lírico aprofunda essa dualidade, descrevendo-a como uma voz incoerente e envolvente, que fala sobre a intensidade das sensações e o anseio do momento, as palavras como "ambra dor", "sensualismo", "ardor" e "paroxismo" indicam uma ligação entre essa parte oculta e emoções poderosas, embora muitas vezes destrutivas.

O sentimento de angústia interna do eu lírico, retrata "A Outra" como algo incontrolável e irresponsável, algo que se recusa a obedecer aos comandos do eu consciente, essa parte interna é percebida como uma fonte constante de dor e conflito, personificada como "nervos irreverentes servos / da sua inconsciência", exemplificando esse conflito constante.

A última estrofe amplifica a expressão das emoções internas conflitantes. O eu lírico descreve todas as sensações em "dor angustiada". A dualidade entre prazer e dor é

destacada, com o prazer sendo visto como uma ilusão que eventualmente se desfaz na dor, trazendo um tom pecaminoso para o poema. A frase final, "Nada mais subsiste, / - Mesmo o prazer / e a sensualidade / só na Dor existe!", enfatiza a supremacia da dor sobre todas as outras experiências emocionais e a constância dela em sua angústia existencial.

O poema é uma demonstração da batalha interna entre essa parte obscura e descontrolada e o eu consciente, que pode ser descrita por esse caráter transgressor que a poesia de Teixeira carregava em negar as convenções sociais impostas. Através de uma linguagem poética carregada de emoções e imagens vívidas, o eu lírico pinta um retrato vívido de uma experiência interna de sofrimento.

Rosas Vermelhas

Que estranha fantasia!
Comprei rosas encarnadas
às molhadas
dum vermelho estridente,
tão rubras como a febre que eu trazia.
- E vim deitá-las contente
na minha cama vazia!

Toda a noite me piquei
nos seus agudos espinhos!
E toda a noite as beiжеi
em desalinhos...

A janela toda aberta
meu quarto encheu de luar...
- Na roupa branca de linho,
as rosas, são corações a sangrar...

Morrem as rosas desfolhadas...
Matei-as!
Apertadas
às mãos-cheias!

Alvorada!
Alvorada!
Vem despertar-me
Vem acordar-me!

Eu vou morrer...
E não consigo desprender
dos meus desejos,
as rosas encarnadas,
que morrem esfarrapadas,
na fúria dos meus beijos!

(Teixeira, 1922)

O poema Rosas Vermelhas explora a analogia entre o eu lírico e as rosas vermelhas, usando essa imagem para simbolizar as emoções intensas e o sofrimento. A linguagem poética rica e as imagens vívidas criaram uma atmosfera carregada de sentimentos e conflitos internos. A primeira estrofe descreve a compra das "rosas encarnadas" e o contraste do vermelho vibrante com a "febre" que o eu lírico trazia, que pode ser entendido como a ardência do sentimento que o atravessa. O ato de deitá-las na cama vazia sugere uma busca por preencher um vazio emocional, enquanto a escolha do vermelho intenso evoca paixão e intensidade, mostrando um eu lírico perdido em seu desejo.

Na segunda estrofe, o eu lírico revela a experiência de se picar nos espinhos das rosas enquanto os beija, criando uma imagem de um relacionamento paradoxal e complexo, que o seu desejo o embala e ao mesmo tempo o machuca, sendo uma relação conflitante com os seus sentimentos. A expressão "em desalinhos" sugere um abandono das convenções e uma entrega à paixão, pois mesmo que a dor seja sentida, há um prazer velado, que o motiva.

A terceira estrofe descreve uma janela aberta e o quarto cheio de luar, criando uma atmosfera de romance e mistério. As rosas são comparadas a "corações a sangrar", intensificando a imagem de emoções fortes e dolorosas, elas são personificadas como tendo matado e desfolhado devido ao contato com o eu lírico, como se a paixão e os beijos vividos à sua morte. A escolha das palavras como "matei-as" e "esfarrapadas" evoca uma sensação de violência e destruição.

A última estrofe revela um sentimento de desespero e uma busca por redenção. O eu lírico clama pela "alvorada" para despertá-lo e acordá-lo de um estado de tormento. A expressão "não consigo desprender / dos meus desejos" destaca a incapacidade de se libertar das emoções intensas, simbolizadas pelas rosas.

O trata da profundida do sentimento humano, usando a simbologia das rosas vermelhas como um poderoso meio de expressão da paixão, do sofrimento e do conflito interno, trazendo à luz essa luta do eu lírico em compreender suas emoções.

Ao Espelho

As horas vão adormecendo
preguiçosamente...
E as minhas mãos estilizadas,

vão desprendendo
distraidamente,
as minhas tranças doiradas.

Refletido no espelho
que me prende o olhar,
desmaia o oiro vermelho
dos meus cabelos desmanchados,
molhados
de luar!

Suavemente, as mãos na seda,
vão soltando o leve manto...
Meu lindo corpo de Leda,
fascina-me, enamorada
de todo o meu próprio encanto...

.....
Envolve-se a lua
em dobras de veludo
nos paramos do céu
e eu vou pensando,
no cisne branco e mudo
que no espelhante lago adormeceu...

.....
Volta o luar silente...
E a minha boca ardente
numa ansiedade louca
procura ir beijar
o seio branco e erguido,
que no cristal do espelho ficou refletido!...

.....
Impossíveis desejos!
Os meus magoados beijos
encontram sempre a própria boca
banhada de luar
álgido e frio –
Dizendo em segredo
às minhas ambições,
o destino sombrio
das grandes ilusões!

(Teixeira, 1922)

Aqui a poetisa trata de uma reflexão lírica sobre a beleza, a autoimagem e a ilusão. O eu lírico observa-se no espelho, descrevendo seu ato de desfazer suas tranças e admirar sua própria aparência, encantada por sua própria beleza e se refere a si mesma como "Leda³," uma referência à mitologia grega, onde Leda era uma rainha cuja beleza era

³ GIAVARA, Suilei Monteiro. Cartografia Do Desejo: A Representação Subversiva Do Corpo Feminino Na Poesia De Florbela Espanca E De Judith Teixeira. Historiæ, [s. l.], 2016.

lendária. O espelho é um símbolo importante no poema. Ele reflete a imagem, mas também simboliza a ilusão e a alcançabilidade da perfeição.

O eu lírico busca beijar sua própria imagem refletida, mas apenas encontra a frieza do espelho, simbolizando a impossibilidade de alcançar seus desejos e ilusões, trazendo assim a ideia desse amor próprio exacerbado e desmedido. A referência à lua e ao cisne branco alude à mitologia grega novamente, onde Zeus se transformou em um cisne para seduzir Leda. Essa referência acrescenta uma camada de complexidade à narrativa, sugerindo uma tensão entre desejo e impossibilidade.

No final do poema, o eu lírico reconhece a futilidade de seus desejos impossíveis e reflete sobre o destino sombrio das grandes ilusões. Ela percebe que suas ambições não podem ser realizadas e que a busca pela perfeição e pela própria imagem idealizada é vazia. Em resumo, *Ao Espelho* é um poema lírico que explora temas como beleza, autoimagem, ilusão e desejo, utilizando de metáforas e imagens poéticas, a poetisa expressa a complexidade das emoções e sua compreensão da natureza efêmera e ilusória da beleza e da autoimagem.

A Minha Amante

“..... a dor
só lhe perco o som e a cor
em orgias de morfina!”

Dizem que eu tenho amores contigo!
Deixa os dizer!...
Eles sabem lá o que há de sublime,
nos meus sonhos de prazer...

De madrugada, logo ao despertar,
há quem me tenha ouvido gritar
pelo teu nome...

Dizem - e eu não protesto –
que seja qual for
o meu aspetto
tu estás
na minha fisionomia
e no meu gesto!

Dizem que eu me embriago toda em cores
para te esquecer...
E que de noite pelos corredores
quando vou passando para te ir buscar,
levo risos de louca, no olhar!

Não entendem dos meus amores contigo –
 não entendem deste luar de beijos...
 - Há quem lhe chame a tara perversa,
 dum ser destrambelhado e sensual!
 Chamam-te o génio do mal –
 o meu castigo...
 E eu em sombras alheio-me dispersa...

E ninguém sabe que é de ti que eu vivo...
 Que és tu que doiras ainda
 o meu castelo em ruína...
 Que fazes da hora má, a hora linda
 dos meus sonhos voluptuosos –
 Não faltes aos meus apelos dolorosos...
 - Adormenta esta dor que me domina!

(Teixeira, 1922)

O poema "A Minha Amante" aborda temas da dependência, dor e desejo, explorando a complexidade de uma relação que é ao mesmo tempo obscura e sedutora. Esse eu lírico claramente feminino nos conduz por um labirinto de emoções, onde a "amante" é uma figura enigmática que pode ser interpretada de várias maneiras. Ela é como um quebra-cabeça que se desdobra diante de nossos olhos: uma substância viciante que aprisiona, uma dor física que atormenta ou um estado de espírito sombrio e autodestrutivo que consome.

O eu lírico, que se relaciona com essa "amante", oscila entre sentimentos ambivalentes. Ele reconhece os aspectos sombrios da relação, os momentos de dor e sofrimento que a "amante" lhe inflige. No entanto, há também uma confissão de prazer e êxtase que emerge dessa conexão complexa. É como se, de madrugada, o eu lírico se rendesse à dependência tão profunda que ele a invoca até mesmo nos momentos de sua maior vulnerabilidade, como se fosse um chamado irresistível.

Mas, ao mesmo tempo em que essa relação se desenrola, uma forte sensação de isolamento permeia a narrativa. Ninguém parece compreender verdadeiramente a profundidade desse relacionamento enigmático e aparentemente autodestrutivo. As pessoas ao redor da narradora a julgam com termos como "destrambelhada" e "sensual", lançando um estigma sobre sua ligação com a "amante". É como se o mundo ao redor a visse como uma figura enigmática e perturbadora, incapaz de compreender os motivos ocultos que a levam a permanecer nessa relação tumultuada. Aqui o teor lesboerótico é existente por todo o poema, mostrando a prisão que é construída por conta desse amor, a qual queima e arde de desejo, de se fazer visto e ouvido independente das demais pessoas ao redor.

No entanto, há um vislumbre de conforto e escape nessa conexão intrigante com a "amante". A narradora busca alívio para sua dor, e talvez até uma fuga temporária da realidade, em uma busca incansável por uma "hora linda" nos "sonhos voluptuosos". É como se a "amante" oferecesse um refúgio momentâneo da angústia, mesmo que a um preço alto. É um poema que nos leva a explorar as profundezas da psicologia humana e as complexidades das relações marcadas pela dependência, dor e desejo. Através da metáfora da "amante", o poema nos convida a refletir sobre nossas próprias lutas internas e os caminhos que escolhemos para lidar com elas. É uma obra que revela a dualidade da natureza humana e a busca eterna por conforto em meio à tormenta emocional.

Madrugadas

Pálida, emocionada
numa ânsia de ternuras –
entrava de madrugada,
no teu quarto inda as escuras...

Meu olhar de alucinada,
só traduzia loucuras...
Cantava em mim a alvorada
num trinado de venturas...

Depois dizia-te adeus,
saudosa dos beijos teus
fitando-te a boca exangue...

E num frémito de louca
cravava na tua boca
um beijo rubro de sangue!

(Teixeira, 1919)

O poema *Madrugadas* é uma composição que mergulha profundamente nos abismos da paixão e do desejo. Ele nos apresenta um sujeito lírico que é claramente retratada como pálida e emocionada, dominada por uma ânsia intensa de ternura. A escolha das palavras e a descrição inicial sugerem uma experiência emocional intensa, onde o desejo e a necessidade de proximidade com o amado são preponderantes.

A cena do poema se desenrola durante as primeiras horas da manhã, enquanto a escuridão ainda envolve o ambiente. A narradora entra de maneira furtiva no quarto do amado, um gesto que em si mesmo evoca um elemento de mistério e segredo. A escuridão do quarto, combinada com a alucinação emocional da narradora, cria uma atmosfera carregada de intensidade.

O olhar da narradora, descrito como "alucinada", reflete um estado de espírito dominado pelo desejo e pela paixão, não deixando espaço para racionalidade. Esse olhar "traduzia loucuras", sugerindo que a narradora estava profundamente entregue às emoções e aos desejos que a consumiam naquele momento.

O poema também evoca a imagem de uma alvorada cantada, um momento que simboliza a promessa de felicidade e alegria. A alvorada, geralmente associada ao início de um novo dia, pode representar um novo começo ou a esperança de momentos felizes e cheios de ventura. Essa imagem cria um contraste intrigante com a escuridão inicial do poema, sugerindo uma transformação da escuridão da noite em algo mais luminoso e cheio de promessas.

No entanto, a narrativa é pontuada por uma despedida. A narradora expressa saudade pelos beijos do amado, e seu olhar se fixa na boca dele, que é descrita como "exangue". Esse momento de despedida pode ser interpretado de várias maneiras, incluindo a ideia de que a paixão entre os amantes é fugaz e efêmera.

O ápice emocional do poema ocorre quando a narradora, em um estado de frenesi apaixonado, crava na boca do amado "um beijo rubro de sangue". Essa imagem é carregada de simbolismo e intensidade, sugerindo uma entrega total ao desejo e à paixão. O uso da cor vermelha, associada ao sangue, ressalta a intensidade das emoções e das ações apaixonadas da narradora.

Em suma, "Madrugadas" é um poema que nos convida a explorar os extremos da paixão e do desejo. Com sua linguagem poética, imagens vívidas e atmosfera de mistério, ele nos transporta para um momento de intensidade emocional entre amantes, onde a entrega total aos sentimentos é o foco central. É um poema que nos faz refletir sobre a natureza efêmera do amor e da paixão, bem como sobre a intensidade das emoções humanas quando estamos profundamente envolvidos em um relacionamento apaixonado.

Delírios Rubros

Quebro os nervos em torturas
como cordas ressequidas,
crispados por amarguras
nas minhas noites perdidas!

Ando na vida às escuras...
Se estendo as mãos doloridas,
abrasam-me mordeduras
de bocas encandescidas!

Sempre a fúria dos desejos,
a gritar pelos teus beijos
incendiando o meu sangue...

Traz-me o vento em seus clamores
presságios de novas dores –
e eu fico desfeita, exangue!

(Teixeira, 1921)

Como o título evoca, o poema traz uma sensação de delírio e intensidade, a obra nos apresenta um eu lírico que está claramente sofrendo e imerso em um mar de emoções conflitante, em um estado emocional tumultuado e apaixonado.

A primeira imagem que se destaca no poema é a metáfora das “cordas ressequidas” sendo quebradas, essa imagem visual intensa nos transmite a sensação de alguém à beira do colapso emocional, sentindo-se tenso e desgastado pelas amarguras que a vida lhe impôs, que o faz ter “noites perdidas”, deixando latente essa inquietude emocional que interfere até em seu sono.

A escuridão que permeia a vida do eu lírico, descrita como "ando na vida às escuras," sugere uma falta de direção ou clareza, a sensação de desorientação é acentuada pelas "mãos doloridas", que podem simbolizar os esforços do eu lírico para encontrar um caminho ou alcançar algum tipo de alívio em meio ao tumulto emocional.

A referência às "bocas encandescidas" é especialmente marcante, pois evoca uma imagem de desejo ardente e paixão intensa que causam dor física e emocional. Parece que o eu lírico está sendo consumido por essa paixão avassaladora, que o deixa em um estado de frenesi. A " Sempre a fúria dos desejos " mencionada no poema denota uma intensidade incontrolável de desejo, que clama pelos beijos do amado e incendeia o sangue, essa paixão desenfreada é um tema central no poema e é apresentada como algo que não pode ser contido.

O vento, com seus "clamores" e "presságios de novas dores," é utilizado como um elemento simbólico que traz à tona a ideia de que mais sofrimento está por vir, a imagem do vento como mensageiro de dores futuras cria uma sensação de inevitabilidade e fatalismo. O poema conclui com a ideia de que o eu lírico fica "desfeita" e "exangue", isso sugere que a intensidade das emoções e experiências vividas o deixou emocionalmente esgotado e vazio. A palavra "exangue" também evoca a ideia de drenagem de energia e vitalidade, como se o eu lírico tivesse dado tudo de si nessa busca por paixão e desejo.

Delírios Rubros é um poema que nos leva a um turbilhão emocional. Com imagens vívidas e uma linguagem poética intensa, ele nos mergulha nas profundezas da paixão, do desejo e do sofrimento humano. É uma exploração da complexidade das emoções e das consequências da entrega total a sentimentos avassaladores.

Nada

Descobri a cor rubra, dentro dos sentidos...

Amortalhei a alma - depois esmaguei
o coração, em tristes dias denegridos
e perdi-me nas horas, que eu mesma tracei...

Agora, iniciada, junto aos meus ouvidos
mal chega a viva dor, do que eu me separei!

Destruí a Beleza, deixando vencidos
a paixão e o amor, que assim repudiei...

Destruí a paixão... sensualizei a Dor
- fiquei, silenciosa e só, vendo passar
os tristes funerais do meu perdido amor...

Hoje tenho desejos confusos, internos...
Ódios dentro de mim, fúrias a estrebuchar –
e torturadas ânsias, abrem-me os infernos!

(Teixeira, 1922)

O poema começa com o eu lírico descrevendo uma descoberta marcante, a “cor rubra” dentro dos seus próprios sentimentos, mas logo em seguida, ela fala sobre “Amortalhei a alma - depois esmaguei / o coração, em tristes dias denegridos”, indicando uma autodestruição ou abafamento das suas próprias emoções e sentimentos.

O eu lírico admite que se perdeu nas horas que ela mesma traçou, revelando uma perda de controle sobre sua própria vida e destino, mostrando ter escolhido um caminho sombrio e triste, culminando no repúdio ao amor e à paixão, alimentando a angústia desses sentimentos quase que demonizados. Afirma ter destruído a beleza, vencido a paixão e o amor, sugerindo um afastamento deliberado das emoções e da busca pelo prazer, possivelmente como uma forma de evitar a dor.

Na terceira estrofe, descreve a si mesma como silenciosa e solitária, observando de maneira amarga e passiva "os tristes funerais do meu perdido amor", sugerindo uma solidão profunda e uma sensação de desapego das emoções. A última estrofe revela um conflito interno persistente quando confessa ter "desejos confusos" e "ódios dentro de

mim", ressaltando a batalha interna entre suas emoções e essa ordem imposta que não a deixa sentir de forma livre. As "torturadas ânsias, abrem-me os infernos!" apontam para uma luta constante com seus próprios demônios emocionais, que só reflete esse ciclo de autodestruição que se toma aos poucos e constate.

Nada de Teixeira explora a autodestruição, perda de controle, repúdio às emoções e um conflito interno persistente. É uma expressão intensa das emoções e das consequências do afastamento das paixões humanas, deixando o eu lírico em um estado de solidão e tormento emocional sem fim.

A Mulher do Vestido Encarnado

Ameigam teu corpo airoso
requebros sensuais,
e o teu perfil
felino e vicioso
diz-nos pecados brutais...
- Paixões perversas
onde o crime é gozo!

Carne que a horas se contrata,
e onde a tísica já fez guarida;
- vendida por suja prata
em tanta noite perdida...

O farrapo de luxúria
que acendes quentes desejos
até à fúria,
na febre de longos beijos!...

Perderam-se tantas, tantas
mocidades
nos teus olhares diabólicos,
que nem tu já sabes quantas!

E ninguém te perguntou
ainda, mulher perdida,
que desgraçado amor foi esse
que te arrastou
a essa vida, negra vida!...

E às vezes,
cuspindo sangue
em noites de guitarrada,
a tua boca tão mordida,
cantando, à desgarrada,
fala do amor crueldade
- um amor todo ruína,

um amor todo saudade!

O farrapo de luxúria
que acendes quentes desejos
até à fúria,
na febre de longos beijos!...

(Teixeira, 1922)

O poema nos leva a uma exploração profunda da vida de uma mulher que é central para a narrativa. A começar pelo título, *A Mulher do Vestido Encarnado*, que evoca imediatamente uma figura misteriosa e intrigante, cujo vestido encarnado nos traz conotações de desgaste e paixão, ao mesmo tempo, pode sugerir uma aura de pecado e luxúria. O poema começa com uma descrição da mulher, que é apresentada como dona de um corpo airoso e dotada de requebros sensuais, seu perfil é descrito como "felino e vicioso," o que imediatamente nos sugere uma pessoa possuidora de uma áurea misteriosa, atraente e de forte apelo sexual. No entanto, o eu lírico nos alerta para algo a mais, “- Paixões perversas/ onde o crime é gozo!”, que pode indicar que a mulher está envolvida em relacionamentos ou situações que podem ser considerados moralmente questionáveis⁴.

A mulher é retratada como alguém cuja carne é comercializada, trazendo à tona a venda desse corpo e do prazer por ele proporcionado, algo visto como degradante. O termo "suja prata" é uma imagem de impureza e exploração, ressaltando o pecado e a atmosfera de conduta errônea da mulher. O poema continua explorando a sexualidade da mulher ao descrevê-la como um "farrapo de luxúria" que incendeia desejos ardentes até a fúria, levando a encontros apaixonados e beijos intensos, colocando-a como uma vilã, a destruidora da pureza dos jovens, lembrando o retrato das feiticeiras que seduziam suas presas, destacando a atração magnética que a mulher exerce sobre os outros, uma paixão que não pode ser contida.

No entanto, o eu lírico também nos faz questionar a vida da figura feminina quando ela se pergunta por que ninguém a questionou ainda sobre o amor que a levou a essa vida, apontando para o processo descartável que ela se encontra, o seu corpo serve para ser tomado a posse por alguns momentos, mas não é digno de ser ouvido e entendido, não há uma importância sobre sua história. Isso nos faz refletir sobre as razões por trás das escolhas de vida da mulher e sobre o que pode ter a levado a esse caminho. O poema

⁴ SILVA, Fabio Mario da. A figura da mulher de vermelho. Uma leitura do poema “A Mulher do Vestido Encarnado”, de Judith Teixeira. Revista Atlante, [s. l.], 2022.

também sugere que, apesar da fachada de luxúria e prazer, há um sofrimento profundo existente nela, não só emocional como físico ao trazer “E às vezes,/ cuspindo sangue/ em noites de guitarrada,/a tua boca tão mordida” mostrando a falta de valor social dessa mulher, essa dualidade entre o prazer e o sofrimento acrescenta uma camada de complexidade que beira extremos, uma hora a representação da satisfação do corpo e ao mesmo tempo o apagamento, a degradação e a falta de valor dele, a qual emerge esse outro tu do discurso que não se pode ignorar, há um prazer em sua ação, porém é carregado de sofrimento e processos complexos na estrutura dessa mulher.

A Mulher do Vestido Encarnado é um poema belíssimo de Teixeira que abordar problemas sociais, escolher e suas motivações e as experiências humanas em torno da fachada do prazer a qual faz refletir sobre a vida e as situações impostas, apresentando uma figura intrigante e complexa, cuja vida é marcada por paixões ardentes, pecados, exploração sexual e, ao mesmo tempo, uma possível dor interior. É uma exploração profunda da natureza humana e das complexidades das emoções e desejos humanos e uma reflexão sobre a prostituição e a decepção amorosa.

Volúpia

Era já tarde e tu continuavas
entre os meus braços trémulos, cansados...
E eu, sonolenta, já de olhos fechados,
bebia ainda os beijos que me davas!

Passaram horas!... Nossas bocas flavas,
muito unidas, em haustos repousados,
queimavam os meus sonhos macerados,
como rescaldo de candentes lavas.

Veio a manhã e o sol, feroz, risonho,
entrou na minha alcova adormecida,
quebrando o lírio roxo do meu sonho...

Mas deslumbrou-se... e em rúbidos adejos
ajoelhou-se... e numa luz vencida,
sorveu... sorveu o mel dos nossos beijos!

(Teixeira, 1925)

Teixeira traz em *Volúpia* uma retratação intensa da paixão e do desejo amoroso entre dois amantes, com suas quatro estrofes o poema fala de uma noite de amor que transcende o tempo e as próprias limitações físicas do eu lírico. A primeira estrofe

estabelece o cenário, o eu lírico e sua amante juntas durante o período da noite, trazendo uma atmosfera de secreto. Ambos estão fisicamente exaustos, como indicado pelos braços trêmulos e cansados da narradora. No entanto, a paixão entre eles persiste, e mesmo sonolenta, a narradora fecha os olhos para saborear ainda mais os beijos do amante. Isso evoca uma sensação de intimidade profunda e desejo ardente que transcende o cansaço físico.

A segunda estrofe aprofunda o encontro apaixonado, descrevendo o quanto as horas passam, mas as amantes continuam a compartilhar do amor e desejos que as unem. Suas bocas estão muito próximas, respirando profundamente, e a paixão queima como "rescaldo de candentes lavas", essa imagem sugere que a intensidade da paixão é semelhante a um fogo vulcânico que consome tudo à sua volta, inclusive os pensamentos de sua mente.

A terceira estrofe vem acompanhada do sol, trazendo uma mudança na narrativa evocando essa claridade feliz pela noite vivida. O sol é descrito como "feroz" e "risonho", como se fosse consciente do que aconteceu durante a noite, sua entrada no quarto escuro do eu lírico simboliza a invasão da realidade e o fim do encontro amoroso. O "lírio roxo do meu sonho" é quebrado pelo sol, sugerindo que a realidade está interrompendo o momento de felicidade e prazer.

A quarta e última estrofe encerra o poema de forma inusitada. O sol, que originalmente parecia tão poderoso, caiu de joelhos "deslumbrado" diante da paixão encontrada naquele quarto. Ele "sorve" o mel do beijo, mostrando que até o sol é dominado pela intensidade do amor delas. Este ato encerra triunfantemente o poema, mostrando que o amor é uma força avassaladora que transcende tudo, inclusive o próprio sol, trazendo uma sensualidade poderosa para dentro do poema, ele celebra a intensidade da paixão e do desejo ardente em uma noite que teve o seu fim, mas que o sentimento não cessa.

A Minha Colcha Encarnada

Perfumes estonteantes,
atiram-me embriagada
sobre os cetins roçagantes
da minha colcha encarnada!

Em espasmos delirantes,
numa posse insaciada –
rasgo as sedas provocantes
em que me sinto enrolada!

Tomo o cetim às mãos-cheias...
 Sinto latejar as veias
 na minha carne abrasada!

Torcem-me o corpo desejos...
 mordendo o cetim com beijos
 numa ânsia desgrehada!

(Teixeira, 1922)

A Minha Colcha Encarnada de Judith Teixeira é uma exploração lírica da sensualidade e do desejo sexual feminino, envolto de uma linguagem imagética e rica a poetisa pinta um cenário de profundo êxtase, desejo e prazer. Em sua primeira estrofe, o eu lírico descreve os “Perfumes estonteantes, / atiram-me embriagada”, conduzindo-a aos “sobre os cetins roçagantes/ da minha colcha encarnada!”, a qual descreve o despertar do desejo para si e as sensações que o desejo vem lhe causando e sua percepção sexual das coisas ao redor, os perfumes e as texturas são descritos como irresistíveis e intoxicantes, realçando esse despertar sexual que está acontecendo.

O eu lírico descreve seu estado de excitação, referindo-se a "espasmos delirantes" e a uma "posse insaciada", ela rasga as sedas provocantes em que se sente enrolada, indicando um desejo avassalador que não pode ser contido, trazendo a ideia do processo do orgasmo feminino encaminhando para o seu ápice. Logo em seguida, a poetisa escreve “Tomo o cetim às mãos-cheias.../ Sinto latejar as veias /na minha carne abrasada!” com isso dando a ideia do gozo feminino, da conclusão do desejo e suas sensações ao atingir a sua máxima.

Na última estrofe enfatiza a intensidade do momento “Torcem-me o corpo desejos.../ mordendo o cetim com beijos/ numa ânsia desgrehada!” retratando a paixão e o desejo como algo descontrolado e avassalador, que a toma de forma feroz e a faz buscar algo para compartilhar o que pulsa dentro dela, é um poema que celebra a sensualidade e o desejo sexual, descrevendo claramente o processo de masturbação feminina e a escala do desejo ao passo que o ato acontece, de certo, um escândalo para a sociedade portuguesa o retrato tão aberto e explícito.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua poesia, Teixeira explorou temas relacionados à vida das mulheres, como a maternidade, o amor, a identidade feminina e os desafios enfrentados na sociedade. Ela trouxe à luz experiências que muitas vezes eram ignoradas ou suprimidas na literatura da época, sua poesia promoveu, mesmo que indiretamente, frequentemente ideias de empoderamento feminino, encorajando as mulheres a protegerem-se, a lutarem pela igualdade de gênero e a tornarem-se donas das suas próprias vidas, destinos, corpos e prazeres.

Judith Teixeira desafiou os estereótipos de gênero do seu tempo e desafiou as expectativas tradicionais dos papéis das mulheres na sociedade e na literatura, sendo um marco na literatura feminina portuguesa, influenciando gerações subsequentes de poetisas e escritoras a explorarem temas de feminilidade e a expressarem-se através da escrita e do desejo. A poesia costuma ser uma ferramenta para explorar a identidade e a subjetividade, ao explorar temas como a homossexualidade, a poetisa cria a oportunidade de seu leitor pensar sobre a sua própria orientação sexual, entrando em uma jornada de autodescoberta e como isso afeta a sua visão do mundo. Da mesma forma, explorar o erotismo permite expressar experiências sensuais e emocionais que não são acessadas dentro de um imaginário repressor do desejo, principalmente dos corpos femininos.

Poemas que tratam do erotismo e sexualidade, principalmente dentro de um recorte homossexual, muitas vezes tratam das complexidades dos relacionamentos e de temas como paixão, intimidade e conexão emocional vista de uma outra perspectiva para além da religiosa e patriarcal. Esta exploração fornece uma visão profunda do comportamento humano e das relações interpessoais, frequentemente questiona as normas e convenções sociais. Isto pode levantar questões sobre o que é aceitável e o que é moral, e fomentar o debate sobre valores culturais e éticos.

A forma como a poetisa aborda o tema lesboerótico em seus poemas pode fornecer uma perspectiva única sobre o mundo e a experiência feminina com outro corpo feminino, trazendo à luz outras formas de amar e de sentir prazer, sobretudo tirando o peso do pecado e das convenções sociais. Essa abordagem enriquece a literatura e fornece diversas perspectivas sobre esses tópicos, abordando o tema mulher não como objeto ou mero acessório de desejo, mas como ser pensante, que sente, fala, tem ação e é dono de seu próprio corpo.

Judith Teixeira contribuiu, mesmo dentro do seu processo de pagamento, com temas femininos e feministas na literatura portuguesa. A sua poesia promoveu ativamente a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres, desafiando as normas tradicionais e enfatizando a importância das vozes das mulheres na sociedade e nas artes. Muitos dos poemas de Judith Teixeira caracterizam-se pela crítica social e política, tratando de temas como desigualdade, injustiça e opressão. A sua poesia reflete as lutas políticas e sociais que ocorreram em Portugal no início do século XX.

Judith Teixeira criou sua obra em alicerces poucos convencionais para as mulheres, trazendo um olhar poético pouco convencional quanto figura feminina. Isto teve implicações sociais e políticas, uma vez que a inovação no conteúdo está frequentemente associada à vontade de romper com as convenções estabelecidas e desafiar estereótipos sociais e de gênero, abrindo caminho para uma visão mais progressista e inclusiva da sociedade. Ela questionou as convenções da época em relação ao papel das mulheres na sociedade e na literatura.

Ao se debruçar com a obra judithiana conseguimos ver aspectos que são comuns entre seus poemas aqui trazidos, uma delas é a dualidade em sua poesia, dessa voz que envereda sua escrita, inundada de sentimentos e questionamentos sobre suas vontades. O seu conteúdo é avassalador, pois é marcado de profundidade emocional e pelos frequentes conflitos com questões existenciais e sociais. Os temas mais comuns em seus poemas são amor, solidão, ansiedade e a luta por identidade e liberdade. Teixeira tem uma capacidade imensa em explorar as complexidades das pessoas e revelar conflitos internos e externos, frequentemente questionam as normas sociais e mostram uma sensibilidade crítica à opressão e à injustiça. A linguagem lírica e simbólica é utilizada para expressar seus sentimentos e ideias, fazendo de sua poesia um espaço de reflexão profunda sobre a condição humana e os desafios que enfrentamos na vida e sobre nossas escolhas.

Arcou com o peso de defender os seus ideais, sofrendo a pior dor que um poeta pode sofrer, o silenciamento. Mas sua obra vem sendo resgata e tomando o seu lugar de direito, o de revolucionária enquanto mulher, que usou da literatura para ser dona novamente do seu corpo e dos desejos que nele habitou.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Cláudia Pazos; SILVA, Fabio Mario da. **Judith Teixeira: Poesia e Prosa.** 1. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2015.
- ALONSO, Cláudia Pazos, **Escritoras do Modernismo** in Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português (org. Fernando Cabral Martins), Lisboa: Caminho, 2008, 244-246.
- BARROS, Eliana Luiza dos Santos. ENTRE DORES: JUDITH E FLORBELA. **Psicanálise & Barroco em revista**, [s. l.], v. 16, ed. 1, 2018.
- BOIA, Andreia Fragata Oliveira. **QUE O DESEJO ME DESÇA AO CORPO: JUDITH TEIXEIRA E A LITERATURA SÁFICA.** 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Letras) - FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO, Niterói, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina:** A Condição feminina e a violência simbólica. Tradução: Maria Helena Kuhner. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 201.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da Identidade. Tradução: Renato Aguiar. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BREMNER, Jan. **De Safo a Sade: Momentos na História da Sexualidade.** [S. l.]: Papirus Editora, 1995.
- CABRAL, Manuel Villaverde. Modernismo literário e autoritarismo político em Portugal no início do século XX. **NOVOS ESTUDOS** 98, [s. l.], 2014.
- CIXOUS, Hélène. **The Laugh of the Medusa.** In: FREEDMAN, Estelle B. The essential feminist reader. New York: Modern Library, 2007. p. 318-324.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. O vazio feminino do Orpheu: Violante, Cecília, Maria José, Judith, Florbela e Ophélia. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, [s. l.], 2016.
- DUNDER, Mauro. CORPO E INSURREIÇÃO NA POESIA DE JUDITH TEIXEIRA. **Revista do NEPA**, Niterói, v. 13, ed. 26, p. 33-42, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber.** 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: O uso dos prazeres.** 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GARAY, René P. **Judith Teixeira. O Modernismo Sáfico Português.** Lisboa. Universitária Editora, 2002.

GIAVARA, Suilei Monteiro. CARTOGRAFIA DO DESEJO: A REPRESENTAÇÃO SUBVERSIVA DO CORPO FEMININO NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA E DE JUDITH TEIXEIRA. **Historiae**, [s. l.], 2016.

GIAVARA, Suilei Monteiro. Judith Teixeira e a poética da luxúria. **Todas as Musas**, [s. l.], 2013.

GOMES, Carlos Magno Santos. Escritoras Marginalizadas. **Calígrama**, Belo Horizonte, v. 19, ed. 1, p. 23-38, 2014.

KLOBUCKA, Anna M. **O Formato Mulher: A emergência da autoria feminina na poesia portuguesa.** [S. l.]: Angelus Novus, 2009.

LUGARINHO, Mário César. Literatura de Sodoma: O cânone literário e a identidade homossexual. **Gragoatá**, Niterói, 2003.

MAIOR, Dionísio Vila. O Modernismo, a Mulher e o apelo ao Destino para questionar a Verdade. **Comunicações**, [s. l.], 2002.

NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do. SOBRE A HISTÓRIA DA LITERATURA E O SILENCIAMENTO FEMININO: QUESTÕES DE CRÍTICA LITERÁRIA E DE GÊNERO. **Historiae**, Rio Grande, p. 283-301, 2015.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?**. São Paulo: Edições Aurora, 2016.

OLIVEIRA, Andreia. Judith Teixeira: a boca é o vazio cheio da periferia. **Cadernos de Literatura Comparada**, [s. l.], 2013.

PAVANELO, Luciene Marie; SIMON, Maria Cristina Pais; OLIVA, Osmar Pereira; OLIVEIRA, Paulo Motta (org.). **Marginalidades Femininas: A mulher na literatura e na cultura brasileira e portuguesa**. Montes Claros: Unimontes, 2017. 35-46 p.

PESSOA, Fernando. **Textos de Crítica e de Intervenção**. 1^a publ. in Contemporânea. Lisboa, 1922.

ROANI, Gerson Luiz. O Modernismo: Portugal e Brasil. **Revista Língua e Literatura**, [s. l.], 2004.

ROSSINI, T. N. **A Construção Do Feminino Na Literatura: Representando A Diferença**. Trem de Letras, v. 3, n. 1, p. 97-111, 2016.

SANT'ANNA, Mônica. A censura à escrita feminina, à maneira de ilustração: Judith Teixeira, Natália Correia e Maria Teresa Horta. **Agália: Públicaçom internacional da associaçom galega da língua**, [s. l.], 23 set. 2023.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Recortes de uma história: a construção de um saber fazer.** In: RAMALHO, Cristina (Org.). Literatura e feminismo: propostas teóricas críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999, p. 23-40.

SILVA, Fabio Mario da; RITA, Annabela; FARRA, Maria Lúcia Dal; VILELA, Ana Luísa; OLIVEIRA, Ana Maria (org.). **JUDITH TEIXEIRA:ENSAIOS CRÍTICOS. NO CENTENÁRIO DO MODERNISMO.** 1. ed. [S. l.]: Edições Esgotadas, 2017.

SILVA, Fabio Mario da. **As bizarrias de Judith Teixeira.** In: Iberic@1. N. 16. Paris: Sorbonne, 2019, p. 45-54. <<https://iberical.sorbonne-universite.fr/numeros/Iberic@1-no16-automne-2019.pdf>>. Acesso em 23 de outubro 2023.

SILVA, Fabio Mario da; VILELA, A na Luísa. Homo(lesbo)erotismo e literatura, no Ocidente e em Portugal: Safo e Judith Teixeira. **Navegações**, [s. l.], 2011.

SILVA, Fabio Mario da. A figura da mulher de vermelho. Uma leitura do poema “A Mulher do Vestido Encarnado”, de Judith Teixeira. **Revista Atlante**, [s. l.], 2022.

SIMÕES, João Gaspar. **Perspectiva histórica da poesia portuguesa: Dos simbolistas aos Novíssimos.** Porto. Brasília Editora, 1976.

SOUSA, Martim de Gouveia e. Lesbianismo e interditos em Judith Teixeira. **Forma Breve**, [s. l.], ed. 7, 2009.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história.** 4. ed. Brasília: UnB, 1998.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; POLESSO, Natalia Borges. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. **MÉTIS: história & cultura**, [s. l.], v. 9, ed. 18, p. 99-112, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. **CRÍTICA FEMINISTA.** In: TEORIA Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 1. ed. [S. l.]: Universidade Estadual de Maringá, 2009. cap. CAPÍTULO 12, p. 217 - 242.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. **Letras**, Santa Maria, v. 20, ed. 41, p. 183-195, 2010.